

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
BACHARELADO DE ZOOTECNIA

RAISA LARCHER FANTIN

**LEVANTAMENTO DAS PRÁTICAS DE MANEJO E BEM ESTAR DOS  
EQUINOS UTILIZADOS NA EQUOTERAPIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DOIS VIZINHOS  
2014

RAISA LARCHER FANTIN

**LEVANTAMENTO DAS PRÁTICAS DE MANEJO E BEM ESTAR DOS  
EQUINOS UTILIZADOS NA EQUOTERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, Curso de Zootecnia do *Campus* de Dois Vizinhos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. MSc. Katia Atoji

DOIS VIZINHOS  
2014

Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
*Campus Dois Vizinhos*  
Curso de Zootecnia

TERMO DE APROVAÇÃO  
TCC

**LEVANTAMENTO DAS PRÁTICAS DE MANEJO E BEM ESTAR DOS  
EQUINOS UTILIZADOS NA EQUOTERAPIA**

Autora: Raisa Larcher Fantin  
Orientador: Prof<sup>a</sup> MSc. Katia Atoji

APROVADA em 11 de agosto de 2014.

---

Prof. MSc. José Evandro de Moraes

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Alix Mendes de Almeida Oliveira

---

Prof<sup>a</sup> MSc. Katia Atoji  
(Orientadora)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que  
dividem comigo o apreço pelos cavalos.

## AGRADECIMENTOS

Certamente, esse espaço é pequeno para agradecer todas as pessoas que me auxiliaram nessa trajetória, então eu deixo aqui apenas algumas delas, que não poderia deixar de citar.

Primeiramente, agradeço a minha família, pelo apoio incondicional, durante toda minha vida, especialmente minha mãe, Cecilia, que nunca mediu esforços para me ajudar.

Aos meus amigos, que fazem meus dias melhores e que sempre estiveram torcendo por mim.

A minha orientadora, Katia Atoji, pelos ensinamentos, sabedoria, dedicação, paciência, amizade e muitos outros adjetivos que expressam a pessoa maravilhosa que é.

Agradeço de coração ao Felipe Tadeu Diniz, por tudo que já fez por mim. E, claro, por me ensinar a dirigir.

Ao Grupo de Estudos em Equinocultura Pegasus, por compartilhar a paixão pelos cavalos comigo, tantas vezes.

Carolline Marie, pela irmandade e amizade, em todos os momentos.

A Raquel Rutz e Drei Leporacy, os melhores amigos de república que eu poderia ter. Meu agradecimento por me aturarem durante tanto tempo.

A todos os docentes, funcionários e colegas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná que me ajudaram, diretamente e indiretamente, durante a minha graduação.

Finalmente, ao Prof. Dr. Frederico Márcio Corrêa Vieira, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andreia De Paula Vieira e Prof. MSc. José Evandro de Moraes, pelas contribuições e incentivo a cerca desse trabalho, a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Alix Mendes de Almeida Oliveira, pela oportunidade em realizar este projeto

“Não dêem dinheiro aos seus filhos.  
Se puderem dêem-lhes cavalos.  
A Equitação nunca arrastou ninguém à desonra.  
Nenhuma hora de vida passada numa sela é perdida.  
Muitos jovens têm se arruinado possuindo cavalos, apostando  
em cavalos, mas nunca montando um cavalo.”  
(Sir Winston Churchill)

## RESUMO

FANTIN, Raisa Larcher. Levantamento das práticas de manejo e bem estar dos equinos utilizados na equoterapia. 2014. 71 f. Trabalho de Conclusão do Curso Bacharelado em Zootecnia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Dois Vizinhos, 2014.

Objetivou-se, por meio desse trabalho, avaliar as práticas de manejo e o bem-estar dos cavalos utilizados em centros de equoterapia da região sudoeste do Paraná. Para isso, foi elaborado um questionário para investigar as técnicas de manejo utilizadas nos diferentes centros de equoterapia e, a partir destes dados, se esse manejo atende as necessidades dos cavalos, a fim de proporcionar bem estar. As entrevistas para o preenchimento do questionário foram realizadas *in loco* e os resultados analisados por estatística descritiva, de forma a subsidiar a confecção de um manual de referência para orientar a equipe multidisciplinar de equoterapia, com sugestões de práticas racionais de manejo, visando o bem estar dos equinos. Concluiu-se que os estabelecimentos pesquisados oferecem condições para a manutenção dos equinos que alojam, porém é necessário o aprimorar do manejo e o conhecimento na espécie para proporcionar um manejo mais adequado e atender ao bem estar dos cavalos.

**Palavras-chave:** Etologia, Cavalos, Questionário,

## **ABSTRACT**

FANTIN, Raisa Larcher. Survey management practices and welfare in horses used in hippotherapy. 2014. 71 f. Trabalho de Conclusão do Curso Bacharelado em Zootecnia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Dois Vizinhos, 2014.

The aim, through this paper, to evaluate the management practices and the welfare of the horses used in hippotherapy centers of the southwest region of Paraná. For this, a questionnaire was designed to investigate the management techniques used in different therapeutic riding centers and, from these data, whether that management meets the needs of horses in order to provide welfare. The interviews for the questionnaire were conducted onsite and the results analyzed using descriptive statistics, in order to support the making of a reference manual to guide the multidisciplinary team of hippotherapy, with suggestions for rational management practices, seeking the welfare of horses. It was concluded that the establishments surveyed offer conditions for the maintenance of horses that house, however the management and improve the knowledge on the species to provide a better management and meeting is necessary to the welfare of horses.

**Keywords:** Ethology, Horses, Questionnaire.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. 1 OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
1.1.1 Objetivo Geral.....	13
1.1.2 Objetivo Especifico .....	13
<b>2 REVISÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>22</b>
4.1 Anamnese.....	23
4.1.1 Sexo dos Animais.....	23
4.1.2 Raça dos Animais.....	24
4.1.3 Idade dos Animais.....	29
4.1.4 Histórico dos Equinos.....	31
4.1.5 Doma.....	32
4.2 Manejo Nutricional.....	34
4.3 Manejo Sanitário.....	37
4.3.1 Controle de endoparasitas, ectoparasitas e principais doenças .....	37
4.3.2 Acompanhamento veterinário.....	38
4.3.3 Histórico de Lesões.....	40
4.4 Treinamento.....	41
4.5 Manutença, instalações e observações.....	46
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>64</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, os equinos são utilizados pelo ser humano para diversos fins, tais como no trabalho com outros animais, na tração, no transporte, nos esportes, no lazer e no tratamento e reabilitação de pessoas com os mais variados distúrbios (ANDE-BRASIL, 2012)

O cavalo foi primordial na história do homem, pois além de ser fonte de proteína e outros itens como leite e seus derivados, fonte da dieta ainda importante em certas tribos nômades, era ele o principal meio de transporte, principalmente antes do advento e popularização dos automóveis. Até hoje, é notável a participação dos cavalos na vida das pessoas e, cada vez mais, essa estreita relação cavalo-ser humano está sendo estudada e utilizada, de forma comprovada, para o tratamento de pessoas portadoras dos mais diversos distúrbios de ordem neurológica, motora ou comportamental.

A equoterapia, na qual utiliza o cavalo como ferramenta para o tratamento das pessoas, está sendo cada vez mais aplicada, pois os pacientes apresentam melhora significativa de uma forma rápida. Trata-se de uma terapia diferenciada, pois a aproximação do paciente com o cavalo gera ganhos em nível emocional e psicossocial, como melhora da autoestima, autoconfiança e socialização, além de todos os aspectos do equilíbrio, do tônus muscular e da coordenação (MESQUITA, 2006; ANDE-BRASIL, 2012)

Em um primeiro momento é preciso observar o animal e avaliar se ele é apto para a equoterapia. Um profissional capacitado precisa selecioná-lo e treiná-lo, ou seja, avaliar se tem condições físicas de executar as sessões e se possui comportamento adequado, como a mansidão, essencial para um animal que irá lidar com diferentes pessoas e que muitas vezes são indefesas para alterações bruscas de comportamento (GIMENES et al., 2006). Outros fatores a serem observados são a intensidade e a regularidade das atividades que ele irá desempenhar. Portanto, o treinamento e a preparação do cavalo antes e depois das sessões, bem como o treinamento para o cavalo aderir a equoterapia e se será utilizado em alguma outra atividade, devem ser considerados.

O local em que as atividades serão feitas, como por exemplo, na pista com uma camada de areia alta, também diz muito sobre a intensidade do exercício, já

que o passo é uma andadura que exige muito do cavalo, até mesmo em função da pressão e do peso do paciente no dorso e, algumas vezes, tem esse peso aumentado, pois alguns pacientes não tem condições de ficar sozinhos sobre a sela e precisam que uma pessoa monte atrás para segurá-lo e ajudá-lo no equilíbrio sobre o cavalo.

As instalações, incluindo cocheiras e piquetes, precisam estar de acordo com os cavalos mantidos, a exemplo da altura de cocho, o tipo de piso, a altura das portas e janelas. Também é interessante possuir um piquete disponível para descanso dos animais, com forrageira disponível, e disponibilizar certo tempo para que os animais possam permanecer no piquete, na companhia com outros cavalos, já que os equinos são criaturas sociais e gostam da companhia dos seus semelhantes.

Aspectos relacionados ao manejo como quantas vezes são alimentados e qual é sua dieta, quem será o responsável técnico sobre o manejo nutricional, se possui um zootecnista ou um médico veterinário responsável também devem ser observados. O procedimento quando surge algum imprevisto, como algum animal doente ou uma lesão e, bem como, se existe um programa de vacinação e prevenção de doenças nesses animais são outros pontos de avaliação. Em suma, todo o manejo dentro e fora das sessões de equoterapia.

É essencial atentar ao ponto de partida da equoterapia, que é o cavalo. Esse animal tem algumas particularidades que o tornam ideal para a terapia. O cavalo, ao passo, transmite estímulos sensoriais, através do movimento, ao paciente e esses estímulos são parecidos com os padrões de movimento da pélvis do homem enquanto caminha. Na tentativa de se adaptar e acomodar-se a movimentação rítmica do cavalo, o praticante desenvolve equilíbrio, coordenação, melhora a postura e o tônus muscular e simula o exercício de caminhar (ROSA, 2006).

Não é por menos que esse ramo vem se desenvolvendo todos os anos. Cada vez mais centros de equoterapia estão sendo abertos e mais pessoas estão sendo submetidas ao tratamento, com isso, surge a necessidade de fiscalização e controle dos locais que promovem a equoterapia, onde o foco da maioria das entidades se dá sobre as pessoas (pacientes e profissionais envolvidos) mas, em raras ocasiões, para o cavalo, primordial para o sucesso do tratamento. A Associação Nacional de Equoterapia (ANDE BRASIL), com sede em Brasília, coordena a filiação dos centros, oferecendo cursos de capacitação e congressos

para a publicação dos trabalhos na área. No estado do Paraná, treze centros são cadastrados na ANDE BRASIL e, destes, apenas um é da região sudoeste do estado, localizado no município de Francisco Beltrão. Os outros existentes realizam equoterapia e não têm vínculo com a ANDE BRASIL.

Dessa forma, o objetivo do trabalho é conhecer a realidade dos diferentes centros de equoterapia da região sudoeste do Paraná para, em um segundo momento, propor mudanças, tanto nas instalações quanto no manejo dos animais, através da adoção de boas práticas de manejo, para que a qualidade de vida e bem estar dos cavalos utilizados na equoterapia sejam atendidas.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Realizar um levantamento de dados sobre as condições de manejo e bem estar de equinos em centro de equoterapia para, posteriormente, propor praticas para adequar o manejo, de forma racional e responsável.

### **1.1.2 Objetivo Específico**

Elaborar e aplicar um questionário, para investigar o manejo racional e identificar as condições de bem estar de eqüinos utilizados em centros de equoterapia na região sudoeste do Paraná, abordando questões como a raça dos animais, idades, histórico, o manejo nutricional, sanitário, treinamento, a utilização e programa de descanso nas sessões de equoterapia e instalações.

## 2 REVISÃO

A equoterapia é um método terapêutico que utiliza o cavalo para o tratamento de pessoas com variados distúrbios, de ordem neurológica, motora e social e possibilita ganhos na condição física do paciente, em aspectos relacionados com tônus muscular e coordenação, além de proporcionar melhora na auto-estima, confiança e socialização do praticante. Todas essas atribuições são resultado da interação do paciente com o cavalo, durante os exercícios propostos pela equipe multidisciplinar que acompanha as sessões (ANDE-BRASIL, 2012; ROSA, 2006).

Hipócrates, em 400 a. C., já relatava a utilização do cavalo como terapia para regenerar pacientes (PLETSCH, 2011). Existem muitos trabalhos sobre a relação do ser humano com os animais, desde que se começou a pesquisar sobre isso nos Estados Unidos, nos anos 60, porém sobre a equoterapia em específico, a literatura ainda é escassa e a maior parte dos trabalhos são voltados ao paciente e poucos se referem ao cavalo em si, dentro do contexto da equoterapia (COSTA, 2012).

O termo equoterapia foi registrado no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL) em 1989, e faz referência a hipoterapia moderna. A equoterapia se diferencia da hipoterapia clássica. Nesta, o paciente se acomoda sobre o cavalo em diferentes posições, e é o movimento do cavalo que vai estimular o praticante. O paciente pode ficar deitado, sentado, de costas e em outras posições sobre o dorso do animal. O coordenador, geralmente o fisioterapeuta, precisa ficar atento para controlar o cavalo de forma correta, garantindo a segurança do praticante com o controle do ritmo, velocidade e direção do cavalo. A equoterapia é derivada da hipoterapia clássica, que surgiu na Alemanha e depois se difundiu para a Europa na década de 1960 (HEINE, 1997).

O ponto chave da hipoterapia clássica é encontrar o equilíbrio entre a posição do paciente com o movimento do cavalo e, a partir disso, podem surgir ganhos adicionais na respiração e cognição. A atenção se dá mais aos ganhos motores, de tônus muscular e coordenação. Na equoterapia, o paciente faz atividades diferentes sobre o cavalo, a exemplo de jogar uma bola ou segurar algum objeto. Isso gera estímulos para que o corpo e o cérebro reaja mais intensivamente,

durante a tentativa de adaptação ao movimento do cavalo e a realização da atividade proposta e, dessa forma, os ganhos motores são acentuados e, principalmente, os sensoriais e biopsicossociais são mais desenvolvidos.

O grande diferencial na equoterapia é a qualidade do movimento que é repassada ao praticante. O cavalo, ao passo, realiza o movimento tridimensional para cima, para baixo, para frente, para trás e para os lados de forma variável, rítmica e repetitiva, em que se assemelha muito com o caminhar humano (HEINE, 1997; COPETTI et al., 2006; TOIGO et al., 2008; ANDE-BRASIL, 2012). A variação do movimento junto de outras estratégias utilizadas durante as sessões, como os brinquedos, permite que o coordenador da sessão classifique a intensidade do estímulo e os movimentos que o cavalo proporciona ao paciente (ROSA, 2006).

Os cavalos são os agentes, em que atuam diretamente na geração de estímulos ao paciente. Estudos apontam que a postura do paciente altera a andadura do cavalo, pois o mesmo tenta se adaptar a condição do cavaleiro, mas outros fatores que influenciam a andadura do cavalo, como a flexibilidade, a impulsão, a direção e a reunião, são treinados no adestramento (SILVA et al., 2004; ROSA, 2006; SANTOS et al., 2006; AQUINO et al., 2007; PIEROBON et al., 2008) e aí aparece a importância do treinamento para o cavalo de equoterapia.

A escolha de um animal correto vai facilitar muito, já que o cavalo de equoterapia tem que responder a alguns critérios, como mansidão, disposição, apurados corretos, região dorso lombar forte, resistência, rusticidade e estrutura corporal compatível com os pacientes que o cavalo vai carregar (CABRAL et al., 2004; ARANTES et al., 2006). O histórico, a índole, o treinamento e a morfologia do animal vão torná-lo apto a prática da equoterapia e, sendo o objetivo dessa terapia proporcionar qualidade de vida ao paciente é imprescindível que o cavalo, essencial para a equoterapia, tenha bem estar (PLETSCH, 2011; ANDE BRASIL, 2012).

O bem estar do cavalo esta correlacionado a inúmeros fatores, que vão desde o condicionamento, o manejo nutricional, sanitário, de alojamento, treinamento e as práticas adotadas no dia a dia (PINHEIRO et al., 2009).

Bem estar não é uma condição fornecida pelo homem e sim uma qualidade inerente dos animais e os equinos têm capacidade relativamente alta de se adaptar aos diferentes métodos de criação, como o confinamento, entretanto, precisam ter suas necessidades atendidas para que fiquem íntegros, fisicamente e mentalmente (BROOM, 1991; TORRES et al., 1992).

Um cavalo mantido em uma baia pequena, completamente fechada, em que não tem espaço para virar ou deitar e permanece várias horas do dia preso nessa condição, certamente terá um nível de estresse alto e um baixo grau de bem estar, já que ficará restrito a movimentos, sem interação com outros cavalos e em um ambiente que não permite que ele expresse seu comportamento natural (GRANDIN, 2010). Esse animal irá sofrer não apenas danos fisiológicos pela falta de exercício e movimentação, mas também emocionais, pelo isolamento e horas ociosas. É comum que, em situações assim, desenvolvam algum tipo de comportamento anormal, chamados de estereotípias e adoçam, por comprometimento do sistema imune (BROOM et al., 2010). Esse cavalo até poderia ser utilizado na equoterapia, mas teria um desempenho baixo e uma vida útil menor, além de prejudicar o tratamento do paciente e, em casos mais graves, colocar em risco a integridade da equipe que trabalha com o cavalo, já que pode apresentar comportamentos anormais ou muito repentinos, como tentar fugir ou reagir a presença de outro cavalo enquanto está sendo utilizado.

Em outras palavras, uma situação dessas não é vantajosa nem para o cavalo, pois tem estresse elevado e sofrimento, nem para o centro de equoterapia, pois a longo prazo terá um cavalo mais susceptível a doenças, com um baixo desempenho e redução da vida útil de serviço; Entretanto, essa realidade ainda pode ser encontrada em muitos locais que alojam cavalos e se caracteriza como um importante problema no bem estar dos cavalos (BROOM et al., 2010).

Em 1993, no Reino Unido o comitê Farm Animal Welfare Concil prôpos as cinco liberdades aos animais de fazenda, visando o bem estar. São termos abrangentes e que se refletem a qualidade de vida ofertada aos animais. O animal deve estar livre de fome, de estresse, de sede, de doença e ter liberdade para expressar seu comportamento natural (PINHEIRO et al., 2009).

Nos regimes de criação, alguns pontos entram em conflito com as liberdades, como no caso dos cavalos, que são animais gregários e vivem em grupo, com contato físico e visual. Quando são mantidos em baias fechadas, esse contato grupal é privado e o estresse pela falta dessa interação entre cavalos pode ser observada. É importante conhecer o comportamento natural do cavalo para compreendê-lo e, dessa maneira, fornecer ferramentas que possibilitem o bem estar (REZENDE et al., 2006; GRANDIN et al., 2010).



As boas práticas de manejo nada mais são do que técnicas de manejo que visam o bem estar dos cavalos e devem ser conciliadas com a atividade que o animal desempenha, no caso, a equoterapia.

O cavalo de equoterapia responde muito a segurança do paciente e essa tem sido uma das principais questões levantadas, pois o praticante muitas vezes fica indefeso a alguma reação que o cavalo possa tomar. O equino tem que ser treinado para esse fim, para garantir a segurança nas sessões, a adaptação do cavalo a rotina e a intensidade e regularidade de exercícios, mas esse treinamento deve ser contínuo e os pontos necessários para aperfeiçoar o cavalo, nas suas dificuldades, tem que ser trabalhados ao longo do tempo (ARRUDA; ROSA; ARANTES et al., 2006).

Porém, ao falar sobre o cavalo no contexto da equoterapia, não é correto atentar apenas para as sessões. Fora delas, o cavalo continua necessitando de cuidados, como manejo nutricional adequado, com quantidade ideal de fornecimento de ração, de verde ou fibra, respeitando sua condição corporal e seu hábito alimentar.

O cavalo é um animal herbívoro e teve sua evolução nas planícies da Ásia. Através da seleção natural, se adaptou para pastejar varias vezes ao dia, ingerindo pequenas quantidades de alimento. Um animal confinado, que recebe apenas ração uma ou duas vezes por dia passa grande parte do tempo com fome, tem restrição de movimento e de contato com outros cavalos, fica varias horas em ócio e pode desenvolver estereotípias como bater as patas no chão ou escoicear a baia, balançar a cabeça, aerofagia, mordedura de baia, ingestão de cama ou fezes (EDWARDS, 1994; GRANDIN, 2010).

O cavalo mantido em regime de cocheira durante muito tempo também pode adquirir problemas relacionados aos comportamentos anormais, que resultam em cólica, lesões nos membros e outras complicações que são fatores de risco para os próprios animais (PAGLIOSA et al., 2008; BROOM et al., 2010).

O fracionamento do fornecimento do alimento pode ajudar a reduzir esses quadros. Antes de tentar resolver o comportamento anormal, é preciso descobrir a causa do distúrbio (REZENDE et al., 2006).

Constantemente são utilizados animais menores nos centros para facilitar o acesso dos auxiliares nas sessões de equoterapia, posicionados ao lado do cavalo (AGUIRRE et al., 2006). O cocho encontrado nas baias normalmente é fixo e, muitas

vezes, os animais não tem altura suficiente para alcançar o cocho e consomem o alimento com a cabeça elevada, o que pode ser prejudicial.

É preferível que o cocho seja mais próximo do chão e faça com que o cavalo abaixe a cabeça para se alimentar, imitando o movimento natural para pastejo . Fornecer o volumoso no chão é uma saída e o cavalo demonstra ter preferencia por alimentar-se dessa maneira. Além disso, são registrados menos problemas respiratórios, pois as situações em que as partículas de poeira que o volumoso, como o feno, pode soltar no ar e atingir as narinas do animal quando ele se alimenta com a cabeça erguida são minimizadas. Essa técnica visa respeitar as características de consumo dos animais (DOMINGUES, 2009; GRANDIN et al., 2010).

O manejo sanitário é outro aspecto importante e, às vezes, subjugado no manejo dos animais. O Ministério da Agricultura tem o Programa Nacional de Sanidade dos Equídeos para prevenir, controlar ou erradicar as doenças nos equídeos, mas os programas de vacinação e acompanhamento veterinário constante são por conta dos proprietários dos animais, juntamente com a limpeza e higienização dos locais que o cavalo permanece, sejam cocheiras ou piquetes. Essas medidas são de extrema importância para a manutenção da saúde do animal e a prevenção de doenças.

As instalações, como o acesso e estrutura das baias, tipo de piso, cama, ventilação adequada com o clima, respondem a outro fator que deve ser avaliado.

O acesso a água limpa e fresca também é importante. O casqueamento regular, utilização para outras atividades, observação do comportamento, treinamento de mão de obra qualificada são alguns dos pontos que devem ser observados e tratados quando se fala de manejo de cavalos.

O treinamento de recursos humanos é essencial, já que são essas pessoas que vão trabalhar na rotina diária do cavalo.

Os piquetes para descanso e horas de descanso, juntamente com a convivência com outros cavalos é de suma importância para os equinos. A necessidade grupal desses animais é tão alta que, quando não é possível colocá-lo próximo de outro equino, utilizam-se outras espécies companheiras, como cães ou ovelhas, para acompanhá-los e reduzir o estresse causado pelo isolamento (GRANDIN et al., 2010).

O manejo com os equinos nem sempre visam seu bem estar, ora por desconhecimento, ora por inviabilidade prática ou por descaso (BROOM et al., 2010). Em 2008 foi formalizada, Ministério da Agricultura, uma Comissão Técnica Permanente de Bem Estar Animal (CTBEA), criada pela Portaria nº 185, para fiscalizar, fomentar e divulgar as práticas de bem estar no país, mas ainda não possui um código específico que eleja quais devem ser as boas práticas adotadas no manejo com equinos, como existe com outros animais, como bovinos e aves.

Entretanto, existe um projeto criado em 2011 e desenvolvido em parceria com a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Mangalarga Marchador (ABCCMM) chamado “Projeto Sela Verde”, na qual a propriedade recebe uma certificação, depois de seguir a uma serie de normas e critérios que visam o bem estar dos cavalos, seguindo modelos de sustentabilidade e conservação da biodiversidade.

No Reino Unido, o Conselho Nacional de Bem Estar em Equinocultura, fundado em 1997, elaborou um guia de referência de bem estar, específico para equídeos, intitulado “The Equine Welfare Compendium”, onde se delega aos proprietários e tratadores a responsabilidade legal e moral de cuidar do bem estar dos seus cavalos.

A Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL, 2012), fundada em 1989, trabalha com entidades vinculadas e oferece apoio aos órgãos governamentais para a fiscalização e normatização dos centros de equoterapia. Entretanto, inexistente a obrigatoriedade dos locais que realizam equoterapia de realizar cadastro junto a associação. Com isso, não existe um levantamento preciso de quantos Centros de Equoterapia existem no Brasil ou da realidade do manejo feito com os cavalos utilizados nas sessões.

### 3 METODOLOGIA

Para realizar o trabalho, foi feito um levantamento dos estabelecimentos que realizam equoterapia no sudoeste do Paraná. Foram localizados sete estabelecimentos, em cinco municípios. Posteriormente, foi estabelecida uma logística de visita, *in loco*, para a aplicação do questionário.

Antes da entrevista, dois termos do Comitê de Ética em Pesquisa da UTFPR (2014) foram apresentados. O primeiro (Anexo A) referente a confidencialidade, garante que os nomes dos entrevistados, dos estabelecimentos e dos demais envolvidos permaneça no anonimato para a publicação do trabalho. O segundo (Anexo B) é um termo para autorização do uso de imagens, que foi feito através do registro fotográfico no momento da visita aos centros para a entrevista.

Os entrevistados responderam oralmente e o avaliador preencheu os itens, desta forma, dúvidas relacionadas à interpretação, foram esclarecidas no momento da entrevista.

O questionário sobre o bem estar e boas práticas de manejo para equinos utilizados na equoterapia (ANEXO C) foi dividido em tópicos para facilitar seu preenchimento. Continha questões sobre o numero de equinos utilizados na equoterapia e a forma como eram utilizados, ou seja, quantas vezes por semana e durante quanto tempo. Também foram feitas questões sobre o sexo, a raça e a idade dos cavalos, e o histórico dos mesmos.

Ainda foram abordadas questões sobre o manejo nutricional, sanitário e o treinamento realizado com os cavalos. A manutenção desses animais, como por exemplo, realização e regularidade no casqueamento e ferrageamento também foram investigadas.

As instalações, tais como cocheiras, pistas, piquetes, cochos e bebedouros foram descritas pelos entrevistados.

Por fim, no questionário, observações sobre o comportamento ou algum outro aspecto interessante foram feitas no ultimo item.

A análise de dados recolhidos foi realizada por estatística descritiva e os valores apresentados em percentagem.

Concomitante ao questionário sobre o manejo, um questionário sobre o bem estar dos cavalos (ANEXO D) foi aplicado a diversas pessoas envolvidas na equoterapia, para descobrir a opinião, de diferentes pontos de vista

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada entre os dias 01 de abril de 2014 até 18 de julho do mesmo ano, em cinco municípios da região sudoeste do Paraná, totalizando sete estabelecimentos que oferecem o serviço de equoterapia, conforme mapa na figura 1.

**Figura 1. Municípios da região sudoeste do Paraná e localização das cidades onde se encontram centros de equoterapia.**



Fonte: adaptado de Jornal de Beltrão, Revista Gente do Sul, maio/ 2014

Com o objetivo de preservar a identidade dos profissionais, os nomes dos estabelecimentos não foram relacionados aos locais em que foram realizadas as entrevistas e serão tratados pelas letras: A, B, C, D, E, F, G. (tabela 1)

Uma das dificuldades iniciais para realizar as visitas foi a localização dos estabelecimentos que realizam equoterapia na região sudoeste do Paraná, devido à falta de um cadastro atualizado que possibilitasse uma consulta precisa. Desta forma, a descoberta dos centros se deu de maneira informal, através de pesquisa nos meios eletrônicos, contatos telefônicos e indicações pessoais.

**Tabela 1. Estabelecimentos que realizam equoterapia na região sudoeste do Paraná, respectivas datas de visita e número de entrevistados**

Estabelecimento	Data da visita	Numero de entrevistados
A	01/04/2014	2
B	29/04/2014	3
C	14/05/2014	5
D	13/06/2014	2
E	01/07/2014	2
F	18/07/2014	1
G	18/07/2014	1
Total		16

O questionário sobre manejo dos cavalos foi respondido, preferencialmente, pela pessoa que tinha mais contato no dia a dia do cavalo, sendo eles o tratador e, em um segundo momento, os fisioterapeutas, que são os responsáveis pelas sessões.

#### **4.1 Anamnese**

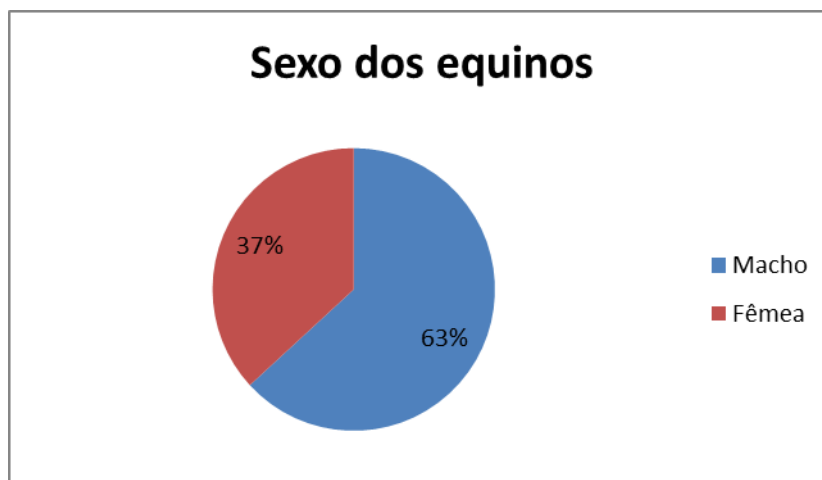
Inicialmente o questionário caracteriza a propriedade quanto aos profissionais envolvidos, sendo eles tratadores, equitadores, auxiliares guias, fisioterapeutas ou psicólogos e trata sobre o estabelecimento em si, ou seja, quantos animais possui para a prática de equoterapia, a raça dos cavalos utilizados e o histórico desses cavalos, como por exemplo, a forma de aquisição e a idade dos animais, e também o público atendido, com o objetivo de traçar o perfil do estabelecimento. Os resultados são apresentados em tópicos para facilitar sua compreensão.

##### **4.1.1 Sexo dos animais**

O trabalho demonstra que, dos animais utilizados para a equoterapia, 63% são machos, e apenas 37% são fêmeas (figura 2). Muitos dos entrevistados

relataram a utilização de machos castrados como melhor alternativa para a equoterapia, devido à mansidão e a constância do temperamento dócil, relatando que as éguas estão mais sujeitas a alterações de comportamento devido às condições fisiológicas, especialmente na estação de monta, que compreende os meses da primavera e do verão e menor concentração na atividade que desempenham (PRYOR et al, 2005). Em algumas propriedades, as éguas eram utilizadas pela facilidade na aquisição.

**Figura 2. Sexo dos equinos utilizados para equoterapia na região sudoeste do Paraná**



Nenhuma das propriedades utilizava cavalos não castrados, em razão do temperamento mais ativo e de dominância. Os cavalos castrados são mais mansos, mantêm mais a concentração no trabalho e normalmente podem ser soltos com outros cavalos e éguas, sem problemas graves de agressões, o que facilita o manejo e o convívio social dos mesmos (CINTRA, 2010).

Costa (2012), investigando 42 centros de equoterapia no Brasil, encontrou 52% de machos castrados sendo utilizando para a equoterapia, também relatando a facilidade do manejo desses cavalos, quando comparados com animais inteiros.

#### **4.1.2 Raça dos animais**

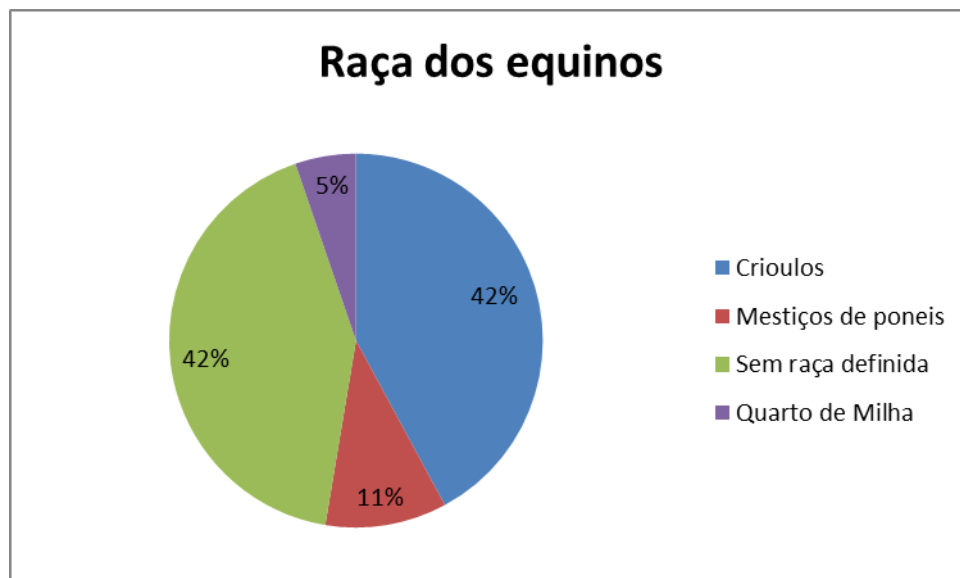
As raças de cavalos são classificadas em dois grupos: sangue quente e sangue frio. Isso não tem a ver com a temperatura do seu sangue, mas sim com seu local de origem. Os cavalos de sangue frio são relacionados com cavalos de tração,



descendentes dos cavalos pré-históricos do norte da Europa, como por exemplo o Bretão, Percheron e o Clydesdale. Normalmente são altos, pesados e dóceis e mais tolerantes as baixas temperaturas encontradas nos climas da Europa. Os animais de sangue quente são os cavalos de sela, menores, mais leve e de temperamento mais energéticos, a exemplo do Puro Sangue Árabe, raça que foi desenvolvida no oriente médio, um local seco e quente, no norte da África. Portanto, a nomenclatura tem origem nesses aspectos. Os variados cruzamentos entre essas duas categorias deu origem a varias outras raças, e que são difundidas por todo o mundo. O cruzamento produziu animais medianos, que reúnem características que se adequam a sua função, e selecionadas e direcionadas ao longo do tempo pelo homem, deram origem a raças reconhecidas como o Hanoveriano e Quarto de Milha, que geralmente são utilizados como animais de sela. As raças nacionais, como o Mangalarga e o Crioulo, sofreram grande influencia dessas outras raças, seja na formação da raça ou no seu melhoramento (PALUDO et al,2002; CINTRA, 2010).

Não existe restrição quanto à utilização de determinadas raças para a equoterapia, entretanto, busca-se um cavalo com características específicas, independente da raça, mas que seja um cavalo de sela, que tenha aptidão para desenvolver a atividade, andadura equilibrada, porte médio e temperamento calmo e manso. Certas raças reúnem essas características e podem ser encontradas com mais frequência dentro da equoterapia, como demonstra a figura 3.

**Figura 3. Raça dos equinos utilizados para equoterapia na região sudoeste do Paraná**



De acordo com os dados, 42% dos cavalos utilizados são da raça crioula (figura 4), pois a raça é muito encontrada na região, o que facilita sua aquisição. O crioulo tem porte médio, com cerca de 1,38 a 1,50 metros de altura de cernelha, são animais resistentes e de conformação equilibrada. Normalmente, os indivíduos da raça apresentam temperamento calmo e mansos, aspecto fundamental para a equoterapia (ABCCC, 2013).

Já outros 42% são animais sem raça definida (figura 5), resultantes do cruzamento de diferentes raças. Costa (2010), ao traçar o perfil do cavalo de equoterapia no Brasil, também encontrou cavalos sem raça definida como sendo os mais utilizados na equoterapia.

Nesta categoria se encontra todos os tipos de cavalos, sendo eles de baixo, médio e alto porte, e com diferentes características. Cabe aos responsáveis encontrar os cavalos que melhor se encaixe dentro da modalidade.

**Figura 4. Exemplar de égua da raça crioula utilizada para a equoterapia**



Fonte: Raisia Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

**Figura 5. Cavalo sem raça definida utilizado na equoterapia**



Fonte: Raisia Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

Cruzamentos com pôneis (figura 6) correspondem a 11% dos cavalos encontrados no trabalho. Esta é uma alternativa para a produção de cavalos para a equoterapia, obtendo animais de menor estatura para facilitar o trabalho dos profissionais que ficam ao lado do cavalo e auxiliam o praticante da equoterapia, visando o menor desgaste físico dos profissionais e facilitando a sustentação do paciente na montaria.

Porém, deve-se atentar a carga de peso que os animais suportam, pois pacientes muito pesados ou a montaria dupla pode exceder o peso suportado por cavalos menores.

Para medir o peso suportado pelos equinos no trote ou a galope utiliza-se a forma do Índice de Carga, que é a relação entre o quadrado do perímetro torácico multiplicado por uma constante e dividido pela altura ( $I=T^2 \times 56/A$ ). Quando a constante é substituída para trabalho, utiliza-se o valor de 95 para multiplicar na formula descrita. Esse índice vai apresentar, em quilogramas, o peso que o animal pode suportar, sem esforço exagerado, ao passo (CABRERA et al, 2004; MCMANUS et al, 2005; JACQUES et al, 2013).

**Figura 6. Cruzamento de pônei utilizado para a equoterapia**



Fonte: Raisa Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

Por fim, 5% dos cavalos da pesquisa pertenciam a raça Quarto de Milha, na linhagem de trabalho, sendo reconhecidos como animais extremamente dóceis. Os animais da raça Quarto de Milha (figura 7) tem a altura média de 1,50 metros, são robustos e musculados. Desde 2013, a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Quarto de Milha (ABQM) tem um projeto denominado EQUO ABQM para ampliar o acesso gratuito da equoterapia e a utilização da raça Quarto de Milha no projeto. Em São Paulo conta com quatro centros de referencia e, no estado do Paraná, com um centro de equoterapia credenciado na cidade de Ponta Grossa. Para incentivar a pratica da atividade, a associação lançou a campanha “adote um praticante” onde, a cada praticante de equoterapia patrocinado, a associação adota mais um, cobrindo as despesas dessa pessoa nas sessões. A associação ainda faz a divulgação da campanha no site e nos eventos oficiais, ao longo do ano (ABQM, 2014).

**Figura 7. Indivíduo da raça quarto de milha.**



Fonte: Raisa Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

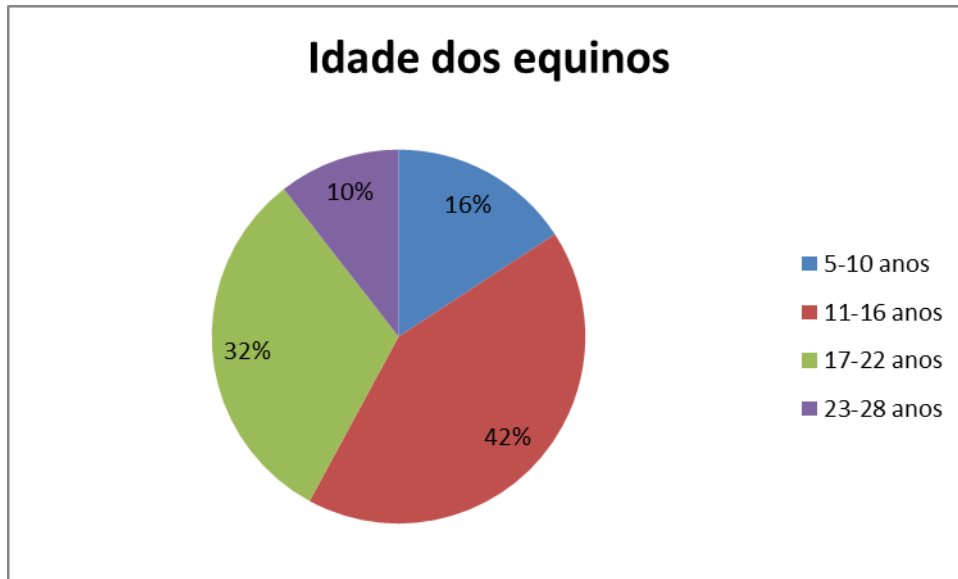
#### **4.1.3 Idade dos animais**

Observa-se animais já formados e adultos no trabalho dentro da equoterapia, devido algumas características desses animais de mais tolerância ao cavaleiro, ensinamentos de equitação e comandos já consolidados, o que facilita a condução da sessão de equoterapia, sem descartar a necessidade de cavalos com temperamento adequado, apresentando docilidade e de boa índole (CALVIELLO, 2013).

Como ilustrado no gráfico da figura 8, 42% dos animais desta pesquisa são cavalos com idade entre 11 a 16 anos, ou seja, animais que já foram domados a mais de oito anos e já possuem experiência dos ensinamentos de rédeas e equitação básica, aceitando com mais facilidade pessoas ao seu redor, para trabalhar durante a sessão.

Outros 32% são cavalos de 17 a 22 anos, idade em que muitas vezes são considerados inaptos para outras atividades como lida com o gado ou animais de provas. Muitos desses cavalos são doações para os locais que realizam equoterapia.

**Figura 8. Idade média dos animais utilizados na equoterapia na região sudoeste do Paraná**



Costa (2010), pesquisando vários estabelecimentos de equoterapia por todo o Brasil, também encontrou a maioria deles trabalhando com cavalos na faixa etária de 16 a 20 anos (32%).

De todos os estabelecimentos visitados, apenas 16% utilizam cavalos jovens, de 5 a 10 anos de idade. Esses animais precisam de uma atenção especial durante a equoterapia, pois têm menos experiência e muitos não estão completamente acostumados com a movimentação de pessoas ao seu redor, além de serem mais ativos, de temperamento mais energético, devido a pouca idade. CALVIELLO (2013) demonstra que cavalos mais jovens são mais reativos. Assim como cavalos de outras idades, eles precisam ser bem tratados, pois esses cuidados vão refletir na maior longevidade do animal e na qualidade de vida do mesmo.

O restante dos animais da pesquisa, correspondente a 10%, possuem cavalos com idades entre 23 a 28 anos, considerados cavalos idosos. A maior parte dos cavalos utilizados são crioulos e seus mestiços, conhecidos pela sua longevidade, entretanto, cavalos com idade mais avançada necessitam de atenção especial quanto a carga de peso e intensidade de exercício, pois não tem tanta força e sustentação quanto um animal mais jovens e demoram mais tempo para se recuperar da atividade física.

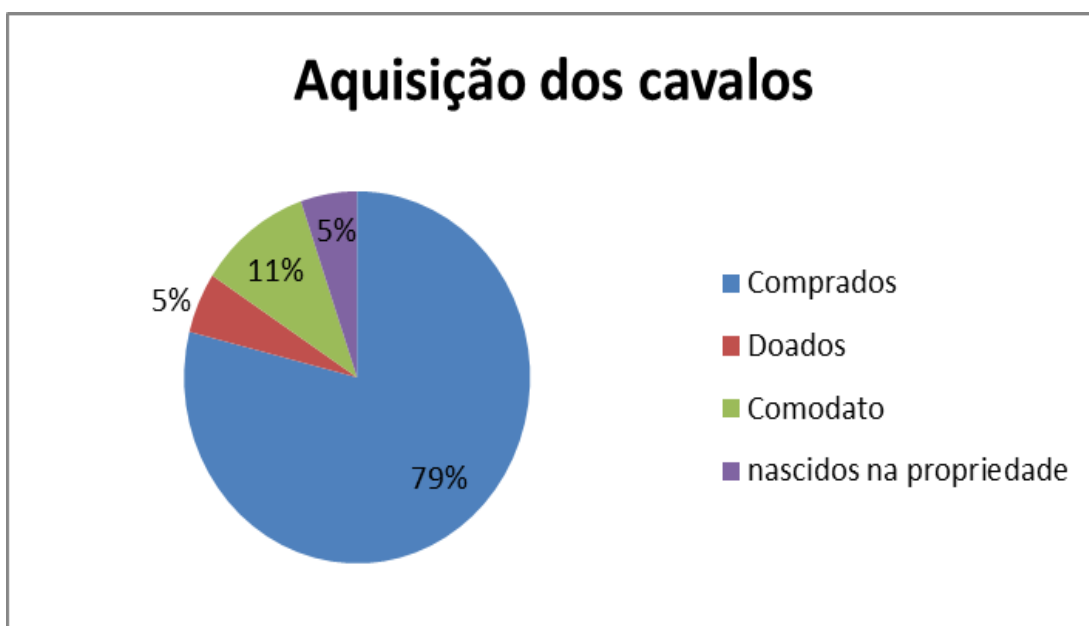
Outro fator que deve ser observado é a alimentação, uma vez que os cavalos idosos podem ter problemas nos desgastes dos dentes e no aproveitamento dos nutrientes dos alimentos. Esses animais requerem um acompanhamento veterinário mais periódico, já que estão mais sujeitos a doenças como adenoma de glândula pituitária, obstrução recorrente de vias aéreas, laminite e doenças musculoesqueléticas crônicas, como a artrite (SILVA et al, 2012; DZYEKANSKI, 2013).

Os responsáveis devem observar se o animal ainda esta apto para a equoterapia, ou deve ser aposentado de todas as atividades.

#### 4.1.4 Histórico dos equinos

A maioria dos entrevistados não sabia muitas informações sobre o histórico dos cavalos, mas a forma como eles chegaram na propriedade foi através de doações, comprados, nascidos na propriedade ou estão em comodato, ou seja, em um contrato de aluguel para a utilização na atividade (figura 9).

Figura 9. Forma de aquisição dos cavalos de equoterapia utilizados na região sudoeste do Paraná



Nesta pesquisa, 79% dos cavalos foram comprados para a equoterapia e 5% foram adquiridos através de doações. Costa (2010) encontrou 48% dos cavalos comprados, e 41% doados.

Os entrevistados relataram que recebem muita doação de animais, mas vários cavalos não se enquadram na modalidade, ou por ter uma lesão que compromete muito o trabalho desse animal, ou pela índole do cavalo, ou pela idade avançada.

Infelizmente, o cavalo de equoterapia é subjulgado, acreditando-se que qualquer animal pode entrar na equoterapia, porém o cavalo deve estar íntegro, livre de traumas, tranquilo, com manejo alimentar e sanitário correto, e ter seu bem estar atendido para que possa executar eficientemente a equoterapia (SILVA et al, 2012).

O estresse causa problemas tanto na absorção dos nutrientes, afetando sua saúde, quando na integridade mental do animal, afetando seu desempenho e sua qualidade de vida. Um animal estressado seja em virtude de alguma resposta a dor, ao desconforto ou qualquer outro fator, certamente não vai desempenhar um bom trabalho e ficará mais sujeito a doenças e outras complicações (CINTRA, 2010; PALUDO et al, 2012).

De todos os cavalos da pesquisa, apenas 11% eram comodatos. Os cavalos utilizados pelo modelo de comodato aparecem como uma boa alternativa para locais que não tem espaço físico ou estrutura para manter os cavalos, pois o centro que realiza a equoterapia fica livre da preocupação com os cuidados com o cavalo após as sessões, e esses animais ficam sobre a responsabilidade do proprietário, que tem obrigação de cuidar bem dos cavalos, oferecendo alimentação, cuidados pertinentes e acompanhamento veterinário (COSTA, 2010).

#### **4.1.5 Doma**

A doma consiste no processo de fazer com que o cavalo aceite o contato com o homem e a utilização dos arreios, como sela, embocadura, entre outros materiais necessários para a equitação e que possua noções básicas de equitação, ou seja, possa ser montado por uma pessoa no dorso e realizar uma série de movimentos, conforme solicitado por seu cavaleiro, através do uso das rédeas, do movimento do corpo, pernas e comandos de voz. A doma pode ser classificada em

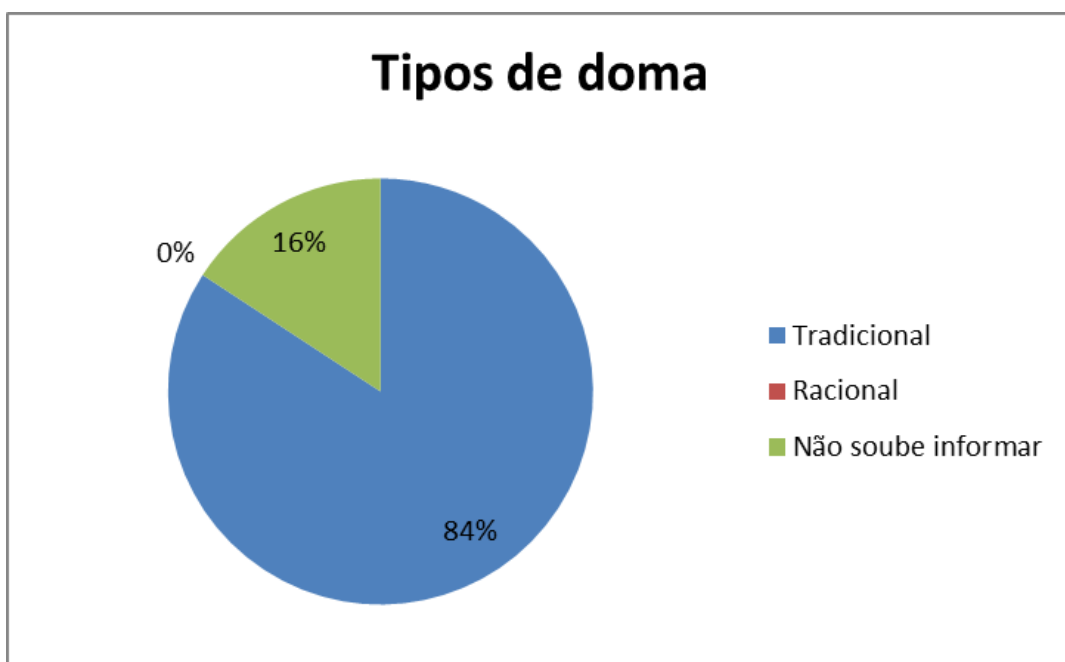


dois tipos: a doma tradicional e a doma racional. A tradicional é a qual utiliza reforços negativos para impor ao cavalo determinada ação. Muitas vezes, essa doma acaba ferindo os cavalos, especialmente pela ação na língua e comissuras labiais, além de causar desconforto e estresse demasiadamente. Muitos animais submetidos a doma tradicional adquirem traumas severos e lesões permanentes. (PEIXOTO et al; HONTANG, 1988, 1926; GRANDIN et al, 2010). Por esse motivo, a doma tradicional não é a indicada para os cavalos.

Dentro do modelo da doma racional, existem diversos tipos, como o Join Up ou a Doma Índia, entretanto, o objetivo é o mesmo, que é fazer com que o cavalo aceite uma pessoa no seu dorso e faça os comandos orientados pelo cavaleiro através da confiança, utilizando-se de exercícios de repetição e condicionamento, sem o uso excessivo da força. Esse método trabalha no sentido de compreender a natureza do cavalo e utilizar esses conhecimentos a favor do processo de doma, a fim de preparar o cavalo para a atividade futura que ele irá desempenhar.

Quanto ao tipo de doma, a racional é a mais indicada, pois respeita, da melhor forma possível, as características do cavalo e estabelece um vínculo de confiança com o ser humano. Entretanto, a pesquisa demonstrou que 84% dos cavalos utilizados na equoterapia, na região sudoeste do Paraná, tiveram a doma tradicional. O restante, que corresponde a 16%, não souberam informar.

**Figura 10. Tipos de doma dos cavalos utilizados para equoterapia na região sudoeste do Paraná**



O principal motivo da utilização da doma tradicional, relatado pelos entrevistados, foi que os cavalos na região, culturalmente, são domados pelo método tradicional, e apenas recentemente a doma racional vem se difundindo e sendo aceita entre os criadores e proprietários de cavalos da região.

## **4.2 Manejo Nutricional**

Em todos os locais visitados, o responsável pela alimentação dos animais era o tratador, e todos recebiam ração e volumoso porém, os entrevistados afirmaram que o fornecimento de concentrado é de forma empírica, ou seja, não tem nenhum critério técnico ou científico na sua mensuração, da mesma forma que, quando notam que o cavalo está perdendo ou ganhando peso, os próprios tratadores alteram a quantidade de ração fornecida no cocho.

Também foi possível observar na pesquisa que, quanto mais tempo o cavalo permanece na cocheira, maior é a frequência de fornecimento da alimentação, em relação aos cavalos que ficam mais horas no piquete.

Esse fracionamento no fornecimento dos alimentos é importante, pois em sistema de pastejo eles passam cerca de 13 a 18 horas se alimentando, e quando ficam confinados, impossibilitados de se alimentarem por longas horas, podem desenvolver estereotípias, ou seja, comportamentos anormais como morder a madeira das baias e aerofagia em função do tempo em ócio (REZENDE et al, 2006; DITTRICH et al, 2007).

É importante respeitar a rotina e o oferecimento constante dos alimentos aos cavalos, pois o estresse pode gerar até mesmo problemas no trato digestório dos cavalos, como úlceras gástricas e cólicas (PAGLIOSA et al, 2008; GRANDIN et al. 2010; BROOM et al. 2010).

As rações já trazem no rótulo da embalagem os valores de energia, proteína e alguns minerais e vitaminas para a dieta, e vem balanceadas para atender as exigências do cavalo, todavia, a quantidade a ser administrada pode ser calculado em função do peso vivo e da intensidade de exercício que o cavalo realiza.

A diminuição no consumo de ração pode ser um indicador de problemas, assim como se o cavalo consumir ração em excesso, além do aumento de peso, o

que é prejudicial para cavalos atletas, os animais podem desenvolver cólicas, laminite e outros problemas de saúde.

Toda troca da dieta deve ser feita de forma gradativa, para não causar alterações repentinas que vão afetar a microbiota do trato digestivo, o que pode gerar desconforto e mal estar aos cavalos (CINTRA, 2010).

Dos sete estabelecimentos da pesquisa, quatro propriedades (D, E, F e G) mantem o cavalo no pasto, a maior parte do tempo, quando não estão no serviço, recolhendo os animais na cocheira a noite ou em dias chuvosos. No verão, quando o clima esta favorável, também permanecem a noite no piquete. Essa é uma técnica interessante, já que o cavalo é um animal herbívoro com habito de pastejo continuo, e o piquete para pastejo permite que o cavalo se movimente ao ar livre, tenha convívio mais próximo com outros cavalos, importante para o seu equilíbrio físico e mental (GRANDIN, 2010). Porem, a maioria das pastagens que esses cavalos permaneciam eram degradadas e não tinham forragens de qualidade (figura 11), e muitas vezes não supriam as necessidades nutricionais dos animais usados na equoterapia.

**Figura 11. Pastagem degradada e de baixa qualidade**



Fonte: Raisa Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

A forragem indicada depende de muitos fatores, como a adaptação das condições climáticas, produção e valor nutritivo, palatabilidade, teores de oxalato, resistência ao pisoteio e capacidade de rebrota, fertilidade do solo, entre outros.

Os mais utilizados para equinos são o Coast-cross (*Cynodon dactylon*), Tifton 85 (*Cynodon nlemfluensis cv Tifton 68 X Cynodon dactylon*), Vaquero (*Cynodo Dactylon*), Jiggs (*Cynodon Dactylon*) e Aruana (*Panicum maximum*), Aveia (*Avena sativa*), mas outros podem ser utilizados com sucesso, desde que reúnam as características desejáveis para o pastejo dos equinos e sejam bem manejados (VICTOR et al. 2007).

A alfafa (*Medicago sativa*) é uma leguminosa que pode ser cultivada em pouco espaço dentro da propriedade, pois tem grande capacidade de rebrota após os cortes. É exigente em nutrientes do solo, porém tem ótima qualidade nutricional e boa palatabilidade. Deve-se evitar o pastejo direto, pois pode causar complicações como cólicas nos animais e é fornecida ao cavalo no cocho, depois de uma pré-secagem, com o objetivo de diminuir a quantidade de água da planta. Também é fornecida em forma de feno, pois apresenta bons resultados em cavalos e níveis ótimos de nutrientes (FURTADO et al, 1988).

Dittrich e colaboradores, (2007) relatam que a pastagem trás benefícios aos equinos, pois respeita as características anato-fisiológicas e comportamentais da espécie e, para os criadores, é a maneira mais barata e vantajosa de alimentar o plantel. Porém, existe a necessidade de mais estudos e pesquisa na área para entender o complexo sistema de interação entre planta, ambiente e equinos, principalmente no cenário nacional.

Alguns estabelecimentos continuam forragens em péssimo estado de conservação, com grama sempre verde (*Polygonum aviculare*), estrela africana (*Cynodon plectostachyus*) e do gênero brachiaria, que não são as mais indicadas para equinos, devido a baixa palatabilidade. As brachiarias devem ser evitadas para equinos, pois certas variedades podem causar fotossensibilização nos cavalos ou apresentarem altos teores de oxalato, que torna o cálcio indisponível ao animal, acarretando vários problemas, como a osteodistrofia fibrosa ou "cara inchada" (FILHO, et al. 1999).

Um piquete com forrageira de qualidade para o cavalo, pode reduzir a mão de obra, pois os funcionários não tem que cortar o pasto constantemente e fornecer no cocho aos animais, e também reduzir os custos, pois o preço do fardo de feno é

elevado, com uma média de R\$8,00 (oito reais) o fardo de feno na região. A disponibilidade do feno é variável, o que faz com que ocorra grande variação do preço, além de problemas na sua qualidade.

Além de todos esses fatores, soma-se o fato de que, uma forragem em qualidade e quantidade, a necessidade do concentrado ou da suplementação pode ser reduzida, já que é possível encontrar vários nutrientes que o cavalo necessita na pastagem, acarretando em economia no custo com alimentação, além de proporcionar maior qualidade de vida aos cavalos que vivem soltos em um piquete bem formado (DITTRICH et al, 2007).

### **4.3 Manejo Sanitário**

#### **4.3.1 Controle de endoparasitas, ectoparasitas e principais doenças**

Segundo Cintra (2010), o manejo sanitário pode ser dividido em controle de endoparasitas, controle de ectoparasitas, controle da anemia infecciosa equina e doenças vacinais.

Todas as propriedades investigadas faziam o controle periódico de endoparasitas, através da utilização de pastas, administrados via oral, com uma rotatividade do principio ativo. Alguns produtos comerciais são endoparasitas e ectoparasitas, entretanto, o controle de ectoparasitas só era feito diante da necessidade, quando constatado infestação aparente.

A anemia infecciosa equina é uma doença altamente contagiosa, sem cura, de notificação obrigatória ao Ministério da Agricultura (MAPA) e é necessário o sacrifício dos animais constatados com a doença. O exame é obrigatório para a emissão do Guia de Transporte Animal (GTA).

Todos os cavalos investigados já tinham feito o exame de anemia infecciosa equina, porem alguns estavam desatualizados, ou seja, já estavam vencidos e não foram repetidos. Infelizmente, isso é uma realidade entre muitos criadores de cavalos, que não tem consciência da gravidade da doença.

O programa de vacinação dos cavalos é feito para livra-los das principais doenças vacináveis que acometem os equinos, conforme demonstra o quadro 1:

**Quadro 1. Esquema de vacinação**

Doenças	Primovacinação	Reforço	Reforço	Observação
Tétano	Potros a partir de quatro meses. Adultos em qualquer idade	Após 30 dias	Anual	Observar as recomendações do fabricante e do médico veterinário
Influenza				
Encefalo-mielite				
Herpes Vírus	Potros Éguas prenhes	A partir dos 4 meses para potros 5º mês de gestação	Após 30 dias aos potros 7º mês de gestação	
Raiva	Potros a partir os 4 meses Adultos em qualquer idade	Anual		
Garrotilho	Potros a partir de quatro meses Adultos em qualquer idade		A cada seis meses	

Fonte: Adaptado de Cintra, 2010.

Das sete propriedades visitadas, duas mantinham o esquema de vacinação em dia. As outras cinco vacinavam apenas para tétano, depois que alguns cavalos morreram da enfermidade.

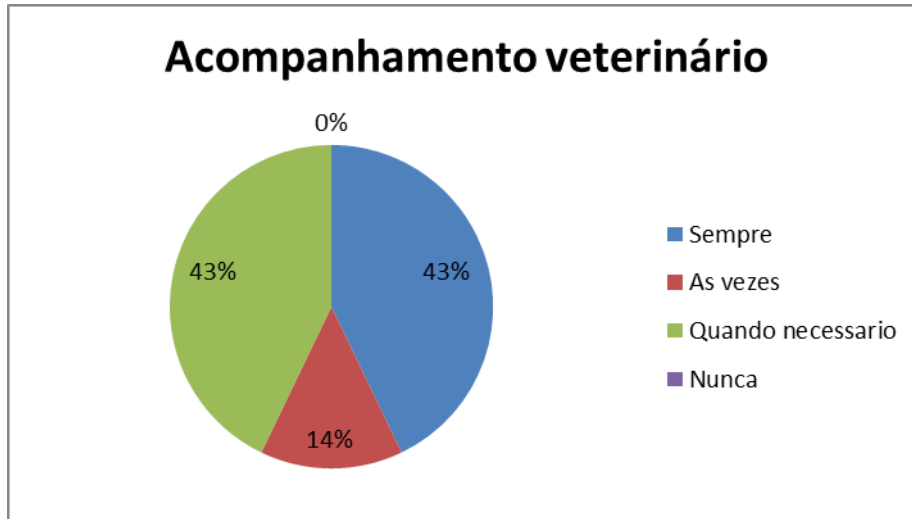
O tétano é causado por uma toxina do *Clostridium tetani*, uma bactéria que esta presente no ambiente. Qualquer ferimento, desde uma cerca de arame farpado até a ponta de um prego aparente na cocheira pode desenvolver a bactéria. O tétano é de difícil cura, e a vacinação anual previne os animais dessa doença (ZAPPA et al, ANO).

#### 4.3.2 Acompanhamento Veterinário

Algumas propriedades pesquisadas da região que realizavam equoterapia também eram criatórios de cavalos, onde o medico veterinário esta mais constante, com um acompanhamento rotineiro dos animais. As propriedades que possuíam assistência do veterinário constantemente são 43%. Outros estabelecimentos (43%)

só contatavam o veterinário diante de alguma necessidade, como quando algum cavalo adoecia ou diante de alguma lesão mais seria.

**Figura 12. Acompanhamento veterinário dos estabelecimentos que realizam equoterapia na região sudoeste do Paraná**



O acompanhamento veterinário para cavalos deve ser rotineiro, pois ele é o profissional habilitado para avaliar a saúde do cavalo (ARANTES et al. 2006).

Muitas pessoas argumentavam que a contratação de um profissional para acompanhar os cavalos é muito oneroso, entretanto, é senso comum que medidas de prevenção e profilaxia no manejo do cavalo são muito mais baratas do que tratá-lo mais tarde, e muitas situações o veterinário pode intervir e auxiliar antes que o caso seja agravado.

Também é de extrema necessidade descobrir a causa, já que, mesmo com o tratamento, se a causa primária não for eliminada, provavelmente os problemas vão retornar. Muitas vezes é difícil para o veterinário, em uma consulta, descobrir o motivo dos problemas, por isso é importante a observação constante dos tratadores, equitadores, fisioterapeutas e demais profissionais envolvidos (REZENDE et al, 2006).

Outras doenças podem ser silenciosas, e quando manifestam sinais clínicos, é porque já estão em nível avançado, o que torna mais difícil ou mesmo impossível a recuperação dos animais, por isso é importante o acompanhamento veterinário e a correta conduta das medidas profiláticas (FILHO et al, 2014).

### 4.3.3 Histórico de lesões

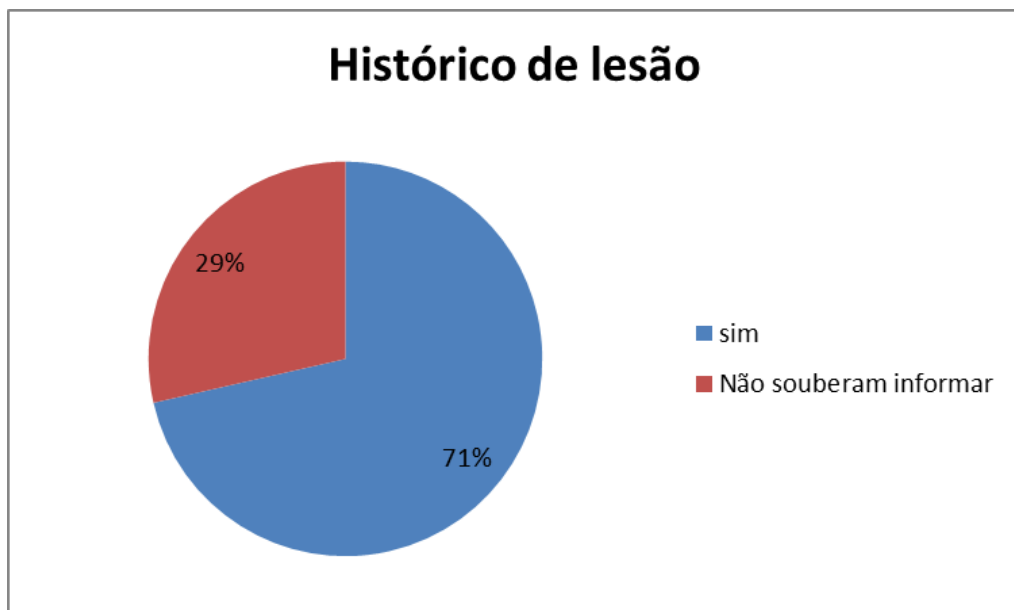
Um outro caso que compromete a saúde dos cavalos são as lesões, principalmente os distúrbios locomotores ou doenças de cavalos com mais idade, que vai afetar a saúde dos cavalos e interferir no estímulo ao paciente nas sessões (TONIN et al, 2014).

A maioria dos cavalos utilizados na equoterapia (71%) já tiveram algum tipo de lesão antes de serem utilizados para a atividade (figura 13).

Como já citado, muitas pessoas tem uma visão errada da equoterapia, e acreditam que os cavalos utilizados nas sessões não fazem muito esforço ou tem uma carga de trabalho pequena, por isso muitas vezes os cavalos lesionados não podem ser animais competitivos, de provas, então são encaminhados, principalmente através de doação, para a equoterapia, ou ofertados por um valor menor. Na realidade, essa é uma visão errônea sobre o cavalo de equoterapia e o trabalho que ele desempenha (COSTA, 2010).

Cavalos que já tiveram lesão podem trabalhar na equoterapia, com a condição do animal ter se recuperado, não sentir mais dor em razão da lesão e não comprometer sua andadura, como apresentar claudicação ou outra condição adversa (SILVA et al, 2012).

Figura 13. Histórico de lesão de cavalos de equoterapia da região sudoeste do Paraná





A saúde do cavalo é um dos fatores muito importantes para seu bem estar e é citada quando se fala em cinco liberdades dos animais, como sendo livres de dor e doenças. Certamente um cavalo doente ou com dor não terá seu bem estar atendido (GRANDIN et al, 2010).

#### **4.4 Treinamento**

Todas as sete propriedades pesquisadas faziam treinamento dos seus cavalos para o reconhecimento do material pedagógico utilizado durante as sessões e para não reagir diante de movimentos bruscos e de pessoas caminhando ao seu redor.

Condicionar os cavalos a essas situações é importante para evitar acidentes na equoterapia, já que o cavalo pode reagir com refugos ou estirar, empinar ou erguer demasiadamente a cabeça em um movimento repentino, na intenção de fugir do objeto estranho, pois a natureza do cavalo é de fuga em situações como essas, em que não se sente relaxado, colocando em risco a integridade do paciente, dos profissionais que trabalham na sessão da equoterapia e de si mesmo, já que podem machucar-se.

Obviamente, muitos outros fatores contribuem, positivamente ou de forma negativa no desempenho e na reação do cavalo na equoterapia. Quando o cavalo não aceita determinado objeto ou situação, deve-se procurar outras formas de acostuma-lo com aquilo, e só expor o cavalo na sessão quando ele estiver completamente adaptado a condição imposta, pois os cavalos apresentam diferenças de temperamento entre indivíduos e podem, portanto, reagir de maneira diferenciada ao treinamento. É importante procurar a origem da recusa do cavalo e tratar a causa primária. Alguns cavalos podem ter traumas do período da doma, ou durante algum incidente na sua vida, então conhecer seu histórico pode ser muito útil, para adaptar o exercício proposto (CALVIELLO, 2013).

Os cavalos possuem boa memória, com uma boa capacidade associativa, logo, podem associar aquele objeto com o medo que sentiram e vão tentar ficar o mais longe possível, ou podem reagir com coices ou manotaços (GRANDIN et al, 2010).

Com o treinamento correto, o manejo com esses animais fica mais seguro e mais fácil, os cavalos ficam mais tranquilos e, conseqüentemente, vão sentir menos medo e estresse. Essa também é uma condição das cinco liberdades dos animais, para que eles tenham seu bem estar atendido (SOUZA, 2006).

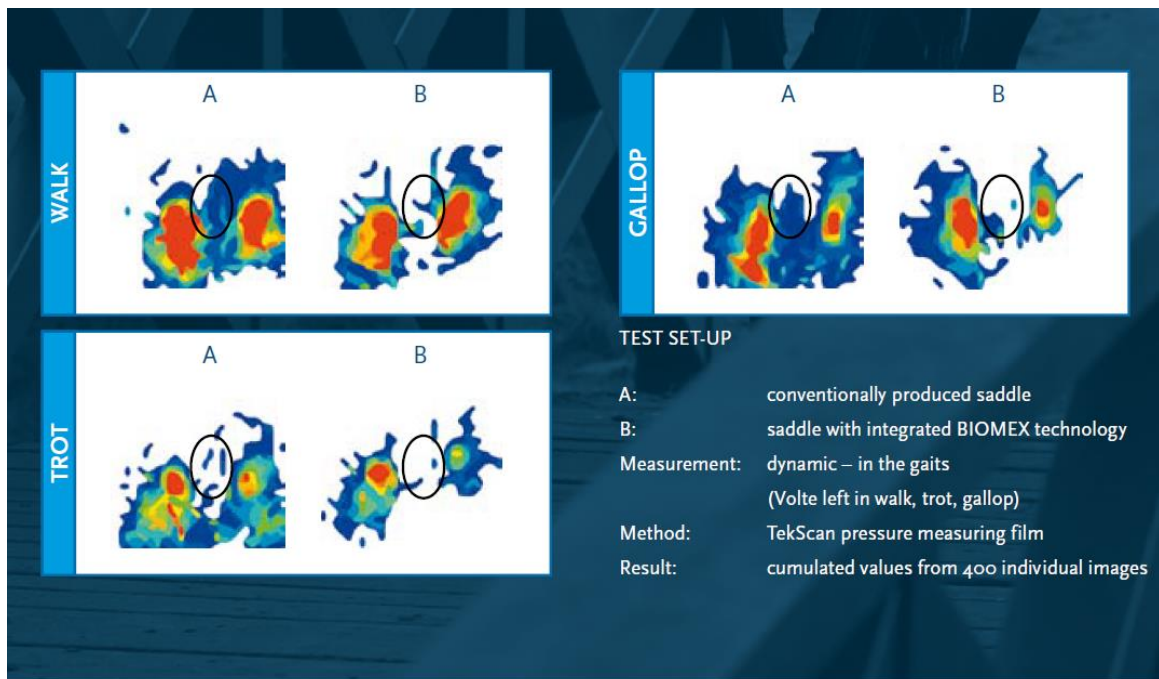
Os entrevistados também responderam sobre o condicionamento físico dos cavalos, classificando-os em bom, regular ou ruim. Cinco pessoas responderam que os cavalos utilizados na equoterapia estão com o condicionamento bom, e dois responderam que o condicionamento dos cavalos que utilizam está regular.

Quando analisamos o condicionamento físico dos cavalos de equoterapia, observamos que deve ser adequado, pois eles passam varias horas do dia trabalhando encilhados. O que as muitas pessoas desconhecem é que as estruturas como musculo, ossos, tendões e ligamentos precisam de algum tempo de treinamento para ficarem aptas a desempenhar a atividade sem que o animal sinta dor ou desconforto, logo após ao exercício, ou normalmente o cavalo dolorido é notado no dia seguinte.

O exercício físico exige uma preparação e coração, pulmão e musculatura levam de 4 a 8 semanas para se adaptarem ao esforço. Tendões, ligamentos, articulações e cascos podem levar de 6 a 12 meses para ficarem aptos para o movimento, e os ossos levam até 3 anos. Esses valores variam em razão de diversos fatores como alimentação, interrupção no programa de treinamento, idade dos animais, entre outros (LAFETÁ, 2011).

O trabalho do cavalo de equoterapia tem varias particularidades, e uma delas é que o animal passa a maior parte do tempo caminhando no picadeiro (SILVA et al, 2012). Ao contrario do senso comum, a pressão no dorso do cavalo ao passo é maior do que quando o cavalo esta a galope , conforme demonstra a figura 14.

**Figura 14. Pressão no dorso do cavalo de diferentes selas a passo, trote e ao galope.**



Fonte: Stübben, 2010.

Se as estruturas do dorso do cavalo não estiverem bem condicionadas, o cavalo certamente não ficará confortável durante o trabalho e poderá reagir, para livrar-se da dor, ou ficar relutante em caminhar ou deixar ser montado (FANTINI et al, 2011).

Soma-se a isso o fato de que, em alguns casos, é necessário realizar montaria dupla, onde monta o praticante de equoterapia na frente e o fisioterapeuta atrás do praticante, no dorso do cavalo, o peso e a pressão que o cavalo terá que suportar será bem maior (ARAUJO et al, 2010).

Para ajudar a condicionar as estruturas e aliviar o desconforto do animal, medidas podem ser tomadas antes do cavalo ser encilhado, como por exemplo, limpar o casco para remover a sujeira e algum material que possa machuca-lo como pedras e escova-lo, para retirar a sujeira que pode ser abrasiva entre o pelo e manta, podendo até causar ferimentos ao cavalo nessa região. A escovação também vai ajudar na irrigação sanguínea e aquecimento da região, e auxilia no contato mais próximo do ser humano com o cavalo.

A utilização de uma manta adequada também é outro ponto importante, pois a manta serve para amortecer o impacto contra o dorso do cavalo e protegê-lo.

Durante a atividade, medidas como não sobrecarregar o dorso do cavalo, posicionar bem o praticante sobre a sela para que ele fique o mais equilibrado e centrado possível, para distribuir melhor o peso e a pressão no dorso do cavalo vão ajudar na movimentação do mesmo, reduzindo e evitando problemas na região lombar do cavalo, que são de difícil diagnóstico e se caracteriza como o problema que mais afeta o desempenho dos cavalos atletas (FANTINI et al, 2011).

Logo após desencilhar, é indicado realizar a massagem de sela, utilizando a própria manta, utilizando-se de movimentos circulares no dorso do cavalo, para reativar a circulação sanguínea, o que vai contribuir para a recuperação do cavalo.

Durante o período de adaptação aos exercícios e durante toda sua vida é importante observar se o animal não está sentindo dor ou sofrimento, e usar técnicas para retirar ou diminuir seu desconforto. A alta exigência da região do dorso dos equinos predispõe a lesões e traumas, que podem levar a disfunção motora e desconforto (ALVES et al, 2007)

A Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL) recomenda, no mínimo, três cavalos, utilizando dois cavalos na sessão a cada meia hora e com um descanso de meia hora, intercalando o trabalho dos dois cavalos. O terceiro animal é para o caso de algum imprevisto, um dos cavalos possa ser substituído.

O estabelecimento A contém cinco cavalos, entretanto, os animais também são utilizadas para outras atividades, concomitantemente.

A ANDE BRASIL não restringe essa prática, desde que essa segunda utilização não ultrapasse o limite máximo de trabalho ao dia, totalizando 4 horas.

O estabelecimento B e D possuem 4 cavalos, e fazem uma alternância, para a utilização de todos os animais, a exemplo da figura 15. Essa medida é importante para proporcionar um período de descanso para os cavalos e não sobrecarregar apenas um ou dois animais. Se bem conduzido, esse plano de trabalho é eficiente.

Nenhuma das propriedades investigadas realizavam o aquecimento dos cavalos antes da equoterapia. Os animais eram escovados, encilhados e levados a pista.

**Quadro 2. Utilização dos cavalos nos estabelecimentos de equoterapia da região sudoeste do paraná**

<b>Estabelecimento</b>	<b>Tempo da sessão (min)</b>	<b>Dias de utilização</b>	<b>Frequência da utilização</b>	<b>Numero de cavalos</b>
<b>A</b>	<b>30 minutos</b>	<b>2<sup>a</sup>. 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup></b>	<b>Alternado</b>	<b>5</b>
<b>B</b>	<b>30 minutos</b>	<b>2<sup>a</sup>. 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup></b>	<b>Todos os dias</b>	<b>4</b>
<b>C</b>	<b>30 minutos</b>	<b>2<sup>a</sup>. 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup></b>	<b>Todos os dias</b>	<b>1</b>
<b>D</b>	<b>20 minutos</b>	<b>2<sup>a</sup>. 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup></b>	<b>Alternado</b>	<b>4</b>
<b>E</b>	<b>40 minutos</b>	<b>4<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup></b>	<b>Irregular</b>	<b>1</b>
<b>F</b>	<b>30 minutos</b>	<b>3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup></b>	<b>Rotacionado</b>	<b>2</b>
<b>G</b>	<b>30 minutos</b>	<b>3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup></b>	<b>Rotacionado</b>	<b>2</b>

**Irregular = conforme a necessidade/não ocorre toda semana.**

**Alternado = trabalham em diferentes dias e com diferentes cargas horarias.**

**Rotacionado = rotacional o trabalho entre dois cavalos de maneira igual (1 a cada dia)**

O aquecimento é de extrema importância para preparar o cavalo para a equoterapia, pois além de contribuir para preparar os grupos musculares, tendões e articulações para a atividade que o cavalo vai desempenhar, auxilia na prevenção de lesões, traumas e outros problemas.

Figura 15. Exemplo de escala com sistema alternado para cavalos utilizados na equoterapia

ESCALA DOS CAVALOS					
PERIODO	SEGUNDA - FEIRA	TERÇA - FEIRA	QUARTA - FEIRA	QUINTA - FEIRA	SEXTA - FEIRA
MANHA	VENTANIA	VENTANIA	PAÇOCA	MULATA	PINGO
	MULATA	PINGO	MULATA	PAÇOCA	VENTANIA
TARDE	PINGO	MULATA	VENTANIA	VENTANIA	MULATA
	PAÇOCA	PAÇOCA	PINGO	PINGO	VENTANIA

Fonte: Raisia Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

#### 4.5 Manutença e instalações e observações

Segundo Cintra (2010), as instalações compreendem as cercas, área de manejo, baias e pista.

Os animais de equoterapia dos centros investigados eram mantidos em regime de cocheira a noite e em dias chuvosos.

Nos meses mais frios, o cavalo desenvolve naturalmente uma pelagem mais densa para se proteger do clima, entretanto, a região sudoeste do Paraná alcança baixas temperaturas no inverno, com geada, ventos frios e condições adversas, o que justifica o manejo de confina-los no período da noite (TORRES et al, 1992).

O sistema semi-intensivo, onde passam o dia no piquete quando não estão trabalhando, e a noite na cocheira, é muito encontrado na região, pois a localização da maioria dos estabelecimentos era no interior, próximos a sítios e fazendas, onde existe mais espaço para a formação de pastagens.

Nas cidades e metrópoles, o espaço para pastagens compete com outras construções, o que encarece ou inviabiliza a construções de piquetes para os cavalos (BAROSSO, 2004).

Apenas o estabelecimento C mantinha o cavalo por mais período na cocheira ou preso aos arredores das instalações, pois não tinham terreno suficiente na propriedade para disponibilizar um piquete para o cavalo.

A baia é onde o cavalo passa boa parte do tempo, por isso é importante que ela seja bem projetada, visando a utilização e o bem estar do cavalo que irá utiliza-la e a praticidade para sua manutenção, já que é importante que a baia receba limpeza periódica (EDWARDS, 1994).

É preferível que a orientação das baias ocorra de forma a priorizar a claridade e reduzir a incidência de ventos. A disposição pode ter vários formatos, conforme fatores como praticidade, adequação ao terreno e investimentos financeiros disponíveis. (CARVALHO et al, 1987).

O material utilizado na confecção da baia pode ser de diversas origens, desde bambus até alvenaria ou madeira.

Baias de alvenaria ou cimento normalmente tem um custo de implantação mais alto, porem tem mais durabilidade e a limpeza pode ser facilitada. Entretanto, baias de madeira são mais baratas e mais comuns na região, sendo encontradas em 4 propriedades visitadas. Barossi, (2004) descreve que os custos para investimento e manutenção constituem um problema real na viabilização dos empreendimentos para equinos.

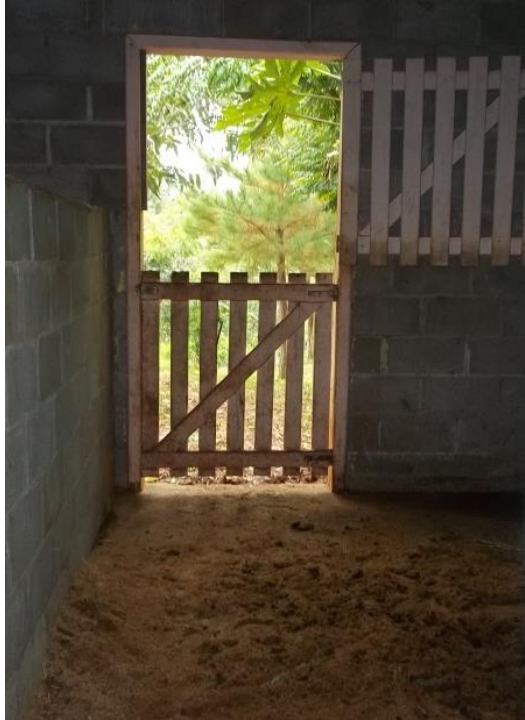
O tamanho da baia também é importante para permitir conforto ao cavalo, onde ele possa deitar ou se virar. O tamanho de três metros de comprimento por quatro metros de largura é o mais comum e o mais indicado para os cavalos, respeitando suas características, pois raças maiores necessitam de mais espaço (CARVALHO et al, 1987; CINTRA, 2010). Cinco propriedades apresentavam baias dessas medidas. Duas outras propriedades tinham baias menores, de três metros por dois metros e meio, com o intuito de economizar espaço.

Nas construções para cavalos, também é comum encontrar portas duas folhas, ou seja, que permitem que a parte superior seja aberta, e a porta inferior seja mantida fechada. Isso é importante para permitir que o cavalo observe o exterior e possa ter contato com outros cavalos. A porta também contribui para a ventilação da cocheira e sua iluminação, a exemplo da figura 16.

Dos sete estabelecimentos visitados, apenas 1 não possuía porta com duas folhas, e as janelas eram pequenas e ficavam no alto, a cerca de dois metros e meio

do chão. Essa instalação não é interessante porque não é permitido ao cavalo visualizar o exterior ou ter contato com outros cavalos (PAGLIOSA et al, 2008).

**Figura 16. Exemplo de porta duas folhas.**



Fonte: Raisa Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

Animais que não é permitido esse contato ficam mais estressados, dificultando seu manejo e acarretando diversos outros problemas para o cavalo, além de comprometer a ventilação, fazendo que muitas partículas de poeira e gases fiquem no ambiente, comprometendo a saúde dos cavalos alojados (MELO et al, 2011).

O piso também é outro fator importante. Pisos devem ter boa drenagem e possuir cama para revesti-los. A cama deve ser sempre seca e limpa, ou seja, o material utilizado deve ter boa capacidades absorventes, deve ser macia e nivelada, para que o animal não tenha problemas de aprumos. Partículas pontiagudas na cama podem ferir o animal quando ele deitar ou se alojar nos cascos, causando enfermidades (CARVALHO et al, 1987; CINTRA. 2010).

Uma propriedade não utilizava cama, devido a falta de mão de obra para sua manutenção. O restante utilizavam cama de maravalha.



Os cochos de água devem ser instalados nos piquetes e nas cocheiras. Em todos os piquetes os cavalos tinham acesso a água. Nas baias, é preferível que o cocho seja de fácil limpeza e tenha sempre água fresca e limpa para o cavalo. No mercado, são encontrados diversos materiais de fabricação do cocho de água, desde fibra, plástico e metal. É interessante que o cocho seja feito de um material resistente, como bebedouros de ferro ou que possuem revestimento em cimento, para resistir às ações do cavalo. O sistema de distribuição de água deve ser independente e não em sequência, para evitar que ocorra transmissão de doenças e enfermidades pela água. Também é possível utilizar baldes fixados na parede para o fornecimento de água. O inconveniente é que, além da possibilidade do cavalo derrubar e espalhar água pela cocheira, a manutenção da água gera muito mais mão de obra, porém é de mais fácil limpeza (TORRES et al, 1992).

Os cochos de comida também devem ser de uma altura máxima de 1 metro e 20 centímetros, mas isso varia conforme a altura do cavalo (CARVALHO et al, 1987). Quanto mais baixo o cocho de alimentação, melhor é para o cavalo. Alimentadores muito altos podem dificultar a ingestão e deglutição do alimento. O hábito do cavalo é abaixar a cabeça para pastejar, e sempre que possível, é indicado imitar seu comportamento natural (GRANDIN et al, 2010).

O volumoso como o feno pode ser ofertado em redes, em alturas baixas. A desvantagem do fornecimento no chão é que o animal pode ingerir o feno contaminado com as fezes e, também, por ser um animal seletivo, ao sujar o feno através do pisoteio, o cavalo vai evitar alimentar-se do volumoso, gerando desperdício. As manjedouras (figura 18) não são muito indicadas, pois alguns fenos contêm muitas partículas de poeira, que podem entrar no trato respiratório do cavalo no momento em que ele ingerindo o feno, causando problemas respiratórios graves (MELO et al, 2011).

Outro ponto desfavorável do fornecimento da forragem no alto é o desenvolvimento da musculatura do pescoço, ao longo do tempo que o cavalo permanece com a cabeça levantada e o pescoço esticado para se alimentar. O desconforto no dorso e no pescoço quando montado, em função da posição que o animal tem que se estabelecer, vai gerar problemas na equitação e no desempenho do cavalo.

**Figura 17. Bebedouro automático de cimento.**



Fonte: Raisa Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

**Figura 18. Manjedoura de madeira**



Fonte: Raisa Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

Outro local que os equinos permanecem grande parte do tempo são os piquetes e suas cercas.

As mais indicadas para equinos são as cercas eletrificadas, pois causam menos acidentes quando os equinos já estão adaptados. Os cantos da cerca devem ser arredondados, para evitar que um cavalo encurrele o outro em um canto do piquete, e as porteiras devem ser afastadas dos cantos, como medida de segurança.

As cercas de tabuas de madeira ou de outro material sintético são muito tradicionais em estabelecimentos que contem equinos, e devem ser pregadas de maneira que os palanques fiquem fixados do lado de fora, pois o cavalo pode forçar a cerca e estoura-la. A manutenção desse tipo de cerca é elevado. As cercas de arame farpado (figura 19) e, principalmente, de arame liso podem causar muitos problemas, pois os cavalos não respeitam a cerca e, quando se assustam, a cerca pode perfurar a pele dos cavalos e causar sérios acidentes (CARVALHO et al, 1987; TORRES et al, 1992; CINTRA, 2010).

**Figura 19. Cerca de arame farpado.**



Fonte: Raisa Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

Em muitos locais que abrigam cavalos, as cercas não estão em bom estado de conservação, o que coloca em risco a integridade dos cavalos. Paganella e colaboradores (2009), fazendo um levantamento dos atendimentos de equinos no

hospital veterinário da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, no ano de 2000 até 2008, registraram alta incidência de afecções cutâneas, sendo que 63% eram lacerações, perfurações, incisões e contusões, relacionando esse dado ao ambiente que os equinos estão, inadequadas ou mal projetadas, o qual causou a maioria dos casos atendidos. Um outro problema são as fugas em cercas mau projetadas ou sem manutenção.

Para realizar um bom manejo, também é necessário possuir instalações adequadas.

A pista é o local onde o cavalo vai fazer as atividades de equoterapia. Normalmente a pista contém uma grossa camada de areia, que serve de amortecedora de impactos, para não prejudicar os membros do cavalo.

Quando mais alta for essa camada, mais esforço o cavalo terá de fazer para se locomover, então fizemos que é uma pista “pesada”. Se a camada de areia for muito fina, ela não será capaz de absorver impacto e perderá sua utilidade. A pista deve ter um sistema de drenagem para não ficar escorregadia e prejudicar tendões e ligamentos ou causar acidentes como quedas (CINTRA, 2010).

**Figura 20. Exemplo de pista coberta, utilizada para a prática de equoterapia**



Fonte: Raisia Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

**Figura 21. Exemplo de pista sem cobertura utilizada para a equoterapia e atividades esportivas para equestres**



Fonte: Raisia Larcher Fantin, arquivo pessoal (2014).

A cobertura da pista é interessante, uma vez que protege cavalos, pacientes e profissionais envolvidos da exposição ao sol, chuva e ventos frios, entretanto, encarece o custo com investimentos e pode tornar a instalação inviável em termos financeiros, necessitando de uma avaliação criteriosa de custo benefício e medidas de retorno do seu investimento (BAROSSO, 2004).

Além dos custos com terra e instalações como cocheiras para os cavalos, outra despesa que deve ser contabilizada é o casqueamento, ou seja, o aparo dos cascos. É importante que o casqueamento seja feito por um profissional capacitado, pois tem grande impacto sobre a qualidade de vida do cavalo e, igualmente, sobre seu desempenho na equoterapia, pois vai influenciar diretamente na sua andadura e no seu comportamento na sessão. O profissional também vai avaliar a necessidade da utilização da ferradura, bem como da realização de alguma correção adequada no andamento desse cavalo (SILVA et al, 2012).

Todas as propriedades visitadas realizavam o casqueamento de seus cavalos, mas em algumas situações era o próprio tratador que fazia o procedimento, no âmbito de economizar.

Na pesquisa foram encontradas diversas situações sobre o ferrageamento dos cavalos.

As propriedades A, C e G contratavam profissionais para realizar o casqueamento e ferrageamento dos cavalos.

Na propriedade D os cavalos utilizavam ferraduras apenas nos cascos da frente, e o próprio tratador que realizava o casqueamento e o ferrageamento nos cavalos. Na região, um profissional para casquear e ferrar os cavalos custa de R\$70,00 (setenta reais) a R\$ 120,00 (cento e vinte reais) e os responsáveis alegavam que não tinham condições financeiras de arcar com o custo da contratação de um ferrador.

O estabelecimento F tinha um animal ferrado apenas para correção do casqueamento. As propriedades B e E não ferravam seus animais.

O ferrageamento não era feito em muitos locais, pois os entrevistados explicaram que, além de não ver necessidade de colocar ferradura devido o terreno onde o cavalo permanecia, a ferradura poderia machucar as pessoas na sessão de equoterapia se o cavalo, por ventura, reagisse com algum coice ou manotaço.

Em todas as visitas, foi aberto um espaço para observação relevante sobre o comportamento dos cavalos, e todos os entrevistados citaram a sensibilidade do cavalo para com o praticante de equoterapia e o vínculo que os pacientes estabelecem com os cavalos ao longo do tempo.

Os sujeitos da pesquisa também demonstram ter consciência das particularidades e limitações dos cavalos, porém não sabem sua origem ou como trata-las da melhor forma possível. Os entrevistados tem preocupação com a integridade dos animais, pois quando os cavalos apresentam alguma variação de comportamento ou alguma reação a dor, além de alterar a andadura, aspecto fundamental para a recuperação dos pacientes, o cavalo também fica mais impaciente, irritadiço e pode reagir com mordidas, coices e outros comportamentos que demonstram o desconforto do animal.

Isso prejudica diretamente o desempenho do cavalo na equoterapia e a qualidade de vida do mesmo e, alguns desses comportamentos tem a causa no manejo, ou podem ser solucionados através dele, ou seja, através de medidas que deem mais conforto ao cavalo, não apenas nas sessões de equoterapia, mas também fora dela, quando o animal não está sendo utilizado.

Diferentemente de um automóvel, o cavalo é um ser vivo que necessita de cuidados constantes, ao longo do dia, mesmo quando não esta a serviço da equoterapia, ou seja, fora das pistas. O cavalo possui algumas particularidades e,

associados a eles, alguns custos para o cuidado básico do animal, principalmente com a sua manutenção, como a alimentação, a manutenção e aparo dos cascos que devem ser contabilizados na decisão de ter um cavalo para equoterapia ou não (SOUZA, 2006).

Muitos estabelecimentos de equoterapia da região, nos últimos anos, não sobreviveram devido as dificuldades em ter estrutura para manter um cavalo bem cuidado para a pratica da equoterapia. As reclamações são variáveis: gastos com a alimentação, instalações, problemas de temperamento dos animais, doenças, lesões, falta de conhecimento no assunto, falta de remuneração, falta de assistência técnica especializada, entre outros, que vem desestimulando as pessoas a continuar na atividade e extinguindo a equoterapia dos municípios.

Outros justificam sua viabilidade através de parcerias com instituições privadas ou organizações não governamentais para sua manutenção.

Muitas vezes, não é apenas a falta recursos financeiros, mas também o desconhecimento ou a falta de informação sobre o cavalo que faz com que o melhor manejo não seja praticado. Isso justifica a necessidade de mais pesquisas e a confecção de um material específico para abordar o cavalo no contexto de equoterapia, respeitando a espécie e apresentando técnicas, viáveis no aspecto de práticas de manejo adequadas e princípios de bem estar, para melhorar a qualidade de vida dos cavalos que são utilizados nos centros de equoterapia.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A equoterapia tem se expandido enquanto modalidade terapêutica e o cavalo é essencial para o sucesso da atividade. No presente trabalho concluiu-se que os estabelecimentos que realizam a prática de equoterapia, na região sudoeste do Paraná, oferecem condições para os equinos utilizados, porém, cabe o aprimoramento do manejo, com técnicas racionais, e maior conhecimento do cavalo, para melhorar a qualidade de vida dos mesmos e proporcionar bem estar aos animais.



## REFERÊNCIAS

ABCCC, Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos. **Regulamento do Registro Genealógico da Raça Crioula**, 24 de junho de 2013. Disponível em: <[http://www.racacrioula.com.br/uploads/arquivos/2213\\_e105c2fdffe360376685f7e1e9592c8b.pdf](http://www.racacrioula.com.br/uploads/arquivos/2213_e105c2fdffe360376685f7e1e9592c8b.pdf)> Acesso em: 22 de julho de 2014.

ABQM. Associação Brasileira dos Criadores de Quarto de Milha. Projeto Equo ABQM, [online]. 2014. Disponível em: <[portalabqm.com.br/](http://portalabqm.com.br/)> Acesso em: 26 de julho de 2014.

AGUIRRE, Liliana. Melhora Objetiva de Cifose-Escoliose em um Paciente com Paralisia Cerebral em Tratamento de Terapia Eqüina com Seis Meses de Duração. XII Congresso Internacional de Equoterapia – Brasília, DF, Brasil, 2006. **Anais...** Brasília: Granja do Torto, Distrito Federal, 2006. Disponível em: <<http://alfabetizarvirtualltextos.files.wordpress.com/2012/04/cavalos.pdf>> Acesso em: 17 de janeiro de 2014.

ALVES, Ana Liz Garcia, et al. Lombalgia em eqüinos. **Braz. J. vet. Res. anim. Sci.**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 191-199, 2007

ANDE BRASIL. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, **Equoterapia**. Brasília, Brasil, 2012. Disponível em: <<http://www.equoterapia.org.br/site/equoterapia.php>> Acesso em: 08 de janeiro de 2014.

AQUINO, Fernando José Melo de; CUSINATO, Claudia Oliveira; MARÃES, Vera Regina Fernandes da Silva. Avaliação dos Padrões de Marcha e Postura Corporal dos Praticantes de Equoterapia com Paralisia Cerebral. 7º Congresso Nacional de iniciação Científica- CONIC- SEMESP, **Anais...** 2007. Disponível em: <<http://www.sare.anhanguera.com/index.php/anuic/article/view/1355/914>> Acesso em: 17 de janeiro de 2014.

ARANTES, L.G.; et al. A Participação do Médico Veterinário na Escolha e Treinamento de Cavalos para a Prática de Equoterapia. **Veterinária Notícias**, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 18, set. 2006.

ARAUJO, Ana Eugenia Ribeiro Araujo e, et al. Os Efeitos da Equoterapia em Pacientes com Paralisia Cerebral Brasil – **Fisioterapia Brasil**. Volume 11 - Número 1 - Rio de Janeiro. janeiro/fevereiro de 2010

ARRUDA, Kether van Prehn. Segurança Na Equoterapia: Minimizando Riscos e Promovendo um Melhor e mais Intenso Contato entre Praticante e Cavalos. XII Congresso Internacional de Equoterapia – Brasília, DF, Brasil, 2006. **Anais...** Brasília: Granja do Torto, Distrito Federal, 2006. Disponível em: <<http://alfabetizarvirtualltextos.files.wordpress.com/2012/04/cavalos.pdf>> Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

BAROSSO, Pablo de Almeida. Viabilidade Econômica e Financeira de uma Escola de Equitação. [**Trabalho De Conclusão De Estágio**] Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Sócio-Econômico. Departamento de Ciências da Administração.2004

BROOM, Donald Maurice. Animal Welfare: concepts and measurements. **Journal of Animal Science**, v. 69, pag 4175, 1991. Disponível em: <<http://www.animal-science.org/content/69/10/4167.short>> Acesso em: 16 de janeiro de 2014.

BROOM, Donald Maurice; FRANSER Andrew Ferguson. **Comportamento e Bem-Estar de Animais Domésticos**, 4ª edição, editora Manole, São Paulo, 2010.

CABRAL, Grasielle Coelho et al. Avaliação Morfométrica de Eqüinos da Raça Mangalarga Marchador: Índices de Conformação e Proporções Corporais. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.33, n.6, pg.1798-1805, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbz/v33n6s1/a18336s1.pdf>> Acesso em: 14 de janeiro de 2014.

CABRERA, Lizete; COSTA, Paulo Eduardo Miranda; FONSECA, Nilva Aparecida Nicolao. Efeito da castração pré-púbere sobre o desenvolvimento corporal de equinos . **Acta Scientiarum. Animal Sciences Maringá**, v. 26, no. 2, p. 273-279, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciAnimSci/article/viewFile/1883/1204>> Acesso em 30 de agosto de 2014.

CALVIELLO, Raquel Ferrari. Avaliação da reatividade de equinos durante o manejo e na presença de estímulo desconhecido. [**Dissertação mestrado**]. 75 f. Faculdade de zootecnia e Engenharia de alimentos, Universidade de São Paulo, Departamento de zootecnia. Pirassununga, 2013.

CARLOS E. FURTADO, et al. Comparação entre a Suplementação com Volumosos e a de Concentrado na Alimentação de Equinos em Crescimento. **Pesquisa agropecuária brasileira**. Brasília. 23(12):1439-1448, dez. 1988

CARVALHO, R, T; HADDAD, C. M. **A criação e alimentação do cavalo**. Rio de Janeiro, Public. Globo rural, Ed. Globo, 1987. 180 pg.

CINTRA, André Galvão de Campos. O cavalo. **Características, Manejo e Alimentação**. Editora Roca, São Paulo, SP, 2010.

COPETTI, Fernando GRAUP Susane; LOPES, Luis Felipe Dias. **O Efeito De Atividades Psicomotoras Com E Sem O Uso Do Cavalo Em Crianças Com Síndrome De Down**, XII Congresso Internacional de Equoterapia – Brasília, DF, Brasil, 2006. **Anais...** Brasília: Granja do Torto, Distrito Federal, 2006. Disponível em: <<http://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/04/cavalos.pdf>> Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

COSTA, Leticia Rodrigues. **Perfil do Cavalo Utilizado na Equoterapia**, 2012. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Zootecnia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.

DITTRICH, J. r.; CARVALHO, p. c. f.; DITTRICH, r. l.; MORAES, a., Ingestive behavior of horses in pasture. **Archives of Veterinary Science** , v 12, n.3. p.1-8, 2007

DOMINGUES, José Luis. Uso de volumosos conservados na alimentação de equinos. **Revista Brasileira Zootecnia**, v.38, p.259-269, 2009 (supl. especial), disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbz/v38nspe/v38nspea26.pdf>> Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

DZYEKANSKI, Bruna. Cuidados dos cavalos idosos. **[online]**. 14 de janeiro de 2013. Disponível em <<http://www.mundoequestre.com.br/cuidados-dos-cavalos-idosos/>> Acesso: 27 de julho de 2014.

EDWARDS, EH. **O Grande Livro do Cavalo**. Editora Livros e Livros, 1994, 242 p.

FANTINI, Priscila ; PALHARES, Maristela Silveira. Lombalgia Em Equinos. **Acta Veterinaria Brasilica**, v.5, n.4, p.359-363, 2011.

FILHO, José Nicolau Prospero Puoli; ARRIGONI, Mário de Beni; SILVEIRA, Antonio Carlos. Suplementação mineral e mobilização de cálcio nos ossos de equinos em pastagem de Brachiaria humidicola. **Rev. Pesq. agropec. bras.** [online]. 1999, vol.34, n.5, pp. 873-878. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pab/v34n5/8435.pdf>> Acesso em: 20 de julho de 2014.> Acesso em: 31 de agosto de 2014.

FILHO, Marconi César Palmeira; PALMEIRA, Magda Lúcia de Souza. Equoterapia. **Revista CRMV**, Ano XX, Brasília, DF, Janeiro a Abril de 2014

GIMENES, Roberta; ANDRADE, Denise Emilia de. **Implantação de um Projeto de Equoterapia: uma Visão do Trabalho Psicológico**. Franca, São Paulo, 2006. Disponível em: < <http://equoterapia.com.br/artigos.php>> Acesso em: 20 de dezembro de 2013.

GRANDIN, Temple; JOHNSON Catherine. **O bem estar dos animais: propostas para uma vida melhor para todos os bichos**. Rio de Janeiro, editora Rocco, 2010.

HEINE, Barbara. Introduction to Hippotherapy. **NAPDA Strides Magazine**, vol.3, N. 2. April 1997. Disponível em: <<http://www.borrowedfreedom.org/wp-content/uploads/2010/04/hippotherapy.pdf>> Acesso em: 16 de janeiro de 2014.

HONTANG, Maurice. **A Psicologia do Cavalo 2 Metodologia do Trabalho**. 224 pg. Editora: Globo. 3ª ed. 1988

JACQUES, Rafaela Esteves; BERWALDT, Ângelo dos Anjos; PAROBELLI; Naiana Hundertmarckj; PEREIRA; Sergiane Baes. MARTINS, Charles Ferreira. Aplicação de Fórmulas e Índices Zoométricos em Equinos da Raça Crioula Participantes da Marcha de Resistência. 12ª mostra de produção Universitaria, Rio Grande/ Rio Grande do Sul, Brasil, **Anais...** 2013.

LAFETÁ, Rodrigo. Treinamento: Métodos de avaliação dos exercícios e problemas decorrentes. ABCCMM [site], Belo Horizonte, Minas Gerais, 21 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://esportes.abccmm.org.br/?router=artigos/ler/index/37/>> Acesso em: 25 de julho de 2014.

MCMANUS Concepta et al. Caracterização morfológica de eqüinos da raça Campeiro. **Revista Brasileira Zootecnia** vol.34 nº.5 Viçosa Sept./Oct. 2005

MELO, Ana Maria Paulino de; et al. Avaliação do Lavado Transtraqueal de Equinos Estabulados com Oferecimento de Feno em Duas Alturas Diferentes. Anuário da produção de iniciação científica discente, volume 14, nº 22, **Anais...** ano 2011.

MESQUITA, Claudia Tannus de. **Equoterapia Holística: Reeducar de Forma Ecológica e Integrada para uma Nova Era de Consciência**- XII Congresso Internacional de Equoterapia – Brasília, DF, Brasil, 2006. **Anais...** Brasília: Granja do

Torto, Distrito Federal, 2006. Disponível em:  
<<http://alfabetizarvirtualltextos.files.wordpress.com/2012/04/cavalos.pdf>> Acesso em:  
17 de janeiro de 2014.

PAGANELA, J.C.; RIBAS, L.M.; SANTOS, C.A.; FEIJÓ, L.S.; NOGUEIRA, C.E.W.; FERNANDES, C.G. Abordagem clínica de feridas cutâneas em equinos. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias**, v.104 (569-572) 13-18, 2009.

PAGLIOSA, Geane Maciel et al. Estudo Epidemiológico de Estereotípias em Eqüinos de Cavalaria Militar. **Archives of Veterinary Science**, v.13, n.2, p.104-109, 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/veterinary/article/view/12890/8757>> Acesso em: 31 de dezembro de 2013.

PALUDO, Giane Regina; et al. Efeito do Estresse Térmico e do Exercício sobre Parâmetros Fisiológicos de Cavalos do Exército Brasileiro. **Revista Brasileira Zootecnia** v.31, n.3, p.1130-1142, 2002.

PIEROBON, Juliana C. Marchizeli; GALETTI Fernanda Cristin. Estímulos sensório-motores proporcionados ao praticante de equoterapia pelo cavalo ao passo durante a montaria. **Revista Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, volume XII, nº 2, pg 63-79, Anhanguera Educacional S.A, 2008. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rencs/article/viewArticle/427>> Acesso em: 17 de janeiro de 2014;

PINHEIRO, Alice Andrioli; BRITO Ismênia França de. Bem Estar e Produção Animal. **Embrapa Caprinos e Ovinos**, 1ªed. On line, Sobral, CE, dezembro, 2009.

PLETSCH, Protásio. **Terapia Com Animais**, 2011, disponível em:  
<[http://www.equogenfidelis.org.br/files/artigos/TERAPIA\\_COM\\_ANIMAIS.pdf](http://www.equogenfidelis.org.br/files/artigos/TERAPIA_COM_ANIMAIS.pdf)>  
Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

PROJETO SELA VERDE. **Programa de Incorporação, Adequação e Certificação Ambiental da Atividade Equestre**, Certificação Sela Verde Da Abccmm, Instituto Biotrópicos, [online]. 2011. Disponível em  
<<http://www.abccmm.org.br/selaverde/>> Acesso: 16 de janeiro de 2014.

PRYOR, P.; TIBARY, A. Management of estrus in the performance mare. **Clinical Techniques in Equine Practice**. 2005. p. 197-209,

REZENDE, Marcelo; MCMANUS, Concepta; MARTINS, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Lizânio de Paula Guimarrães; GARCIA, José Américo Soares; LOUVANDINI, Helder. Comportamento de Cavalos Estabulados do Exército Brasileiro em Brasília. **Ciência Animal Brasileira**, vol. 7, nº 3, pag. 327, 2006. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/vet/article/view/405/380>> Acesso em: 14 de janeiro de 2014

ROSA, Luciana Ramos. Análise Biomecânica de um Cavalo de Terapia: a Interferência do Peso Corporal e da Simetria Postural do Praticante na Qualidade Do Passo do Cavalo, XII Congresso Internacional de Equoterapia – Brasília, DF, Brasil, 2006. **Anais...** Brasília: Granja do Torto, Distrito Federal, 2006. Disponível em: <<http://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/04/cavalos.pdf>> Acesso em: 14 de janeiro de 2014.

SANTOS, Rebeca de Barros; CYRILLO, Fábio Navarro; SAKAKURA, Mayaru Ticiani; PERDIGÃO, Adriana Pagni; TORRIANI, Camila. A Influência da Postura sobre o Cavalo e a Velocidade do Passo na Ativação dos Músculos Eretores Lombares através da Eletromiografia de Superfície. XII Congresso Internacional de Equoterapia – Brasília, DF, Brasil, 2006. **Anais...** Brasília: Granja do Torto, Distrito Federal, 2006. Disponível em: <<http://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/04/cavalos.pdf>> Acesso em: 22 de janeiro de 2014.

SILVA, Carlos Henrique; GRUBITS, Sonia. Discussão sobre o efeito positivo da equoterapia em crianças cegas. **Revista Psiconline** [online]. 2004, vol.5, n.2, pg. 06-13. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1676-73142004000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1676-73142004000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 04 de janeiro de 2014.

SILVA; Mayara Nóbrega Gomes da, et al. Levantamento das afecções ocorridas nos cavalos utilizados em equoterapia no período de 2006 a 2010 em Uruguaiana-RS. **Revista brasileira Ciências Veterinárias.**, v. 19, n. 3, p. 139-143, set./dez. 2012

SOUZA, Mariângela Freitas de Almeida e. Implicações para o bem-estar de equinos usados para tração de veículos. **Revista brasileira de direito animal**, p65 Vol. 1, No 1 (2006)

STUEBBEN. Products. 2010. [site] Disponível em: <<http://www.stuebben.com/start.php?lg=gbgb&su=products&id=2>> Acesso em 28 de julho de 2014.

TOIGO, Tiago; JUNIOR, Ernesto César Pinto Leal; ÁVILA, Simone Nunes. O uso da equoterapia como recurso terapêutico para melhora do equilíbrio estático em

indivíduos da terceira idade. **Revista Brasileira Geriátrica Gerontol** [online].. 2008. Disponível em: <<http://www.equoparaiso.com.br/artigos/O%20uso%20da%20equoterapia%20como%20recurso%20terap%EAutico%20para%20melhora.pdf>> Acesso em: 14 de janeiro de 2014.

TONIN, Flávia; CARLO, Ricardo Junqueira Del. A prática médico-veterinária na equoterapia. **Revista CRMV**, Ano XX, Brasília, DF, Janeiro a Abril de 2014

TORRES, Alcides di Paravicini; Jardim, Walter Ramos. **Criação de cavalo e de outros equinos**. 3ª ed. Editora Nobel, São Paulo, 1992.

VICTOR, Rodolfo Pedro. ASSEF, Luiz Carlos. PAULINO, Valdinei Tadeu. Forrageira para Equinos. Instituto de Zootecnia, Nova Odessa **[online]**, SP, 2009. Disponível em: <<http://www.iz.sp.gov.br/artigos.php?ano=2007>> Acesso em: 27 de julho de 2014.

ZAPPA, Vanessa. FRANCISCO, Leonardo Serafim. Tétano em Equinos – Revisão de Literatura. **Faef Revistas Científicas Eletrônicas** [on-line]. 13 de agosto de 2013. Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/1Da0q0dvlQULGxg\\_2013-8-13-18-32-14.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/1Da0q0dvlQULGxg_2013-8-13-18-32-14.pdf)> Acesso em: 27 de julho de 2014.

## **ANEXOS**

ANEXO A: Termo de confidencialidade e sigilo.

ANEXO B: Termo de autorização de uso de imagens.

ANEXO C: Questionário sobre Boas Práticas de Manejo e Bem Estar para Equinos Utilizados na Equoterapia

ANEXO D: Pesquisa de opinião sobre o bem estar animal dos equinos utilizados na equoterapia



## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

(No TCLE devem constar todos os itens listados abaixo, e que se apliquem ao tipo de pesquisa que será desenvolvida, podendo aparecerem até mesmo outros itens mais (itens complementares), que visem contribuir para melhor compreensão e garantia do respeito devido à dignidade humana. O TCLE deve ser redigido, e compreendido, de forma a preservar o sujeito de pesquisa)

**Título da pesquisa:**

**Pesquisador(es), com endereços e telefones:**

**Engenheiro ou médico ou orientador ou outro profissional responsável:**

**Local de realização da pesquisa:**

**Endereço, telefone do local:**

### **A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE**

#### **1. Apresentação da pesquisa.**

(Comentar sobre o estudo, sua justificativa, de forma clara e acessível).

#### **2. Objetivos da pesquisa.**

(Esclarecer o propósito do estudo).

#### **3. Participação na pesquisa.**

(Esclarecer ao sujeito da pesquisa quais são e como se darão os procedimentos em que o mesmo participará, ou seja, a forma de participação, passos pelos quais o sujeito passará. Também, deixar claro, se houver, por exemplo a possibilidade de inclusão em grupo controle ou placebo e sobre a existência de outros métodos alternativos. Finalmente, formas de assistência no caso de problemas e responsável).

#### **4. Confidencialidade.**

(Garantia de sigilo e privacidade).

#### **5. Desconfortos, Riscos e Benefícios.**

(Realizado em duas etapas, a primeira visa clarificar os desconfortos e ou riscos pelos quais o sujeito de pesquisa passará ou poderá passar; a segunda visa clarificar os benefícios esperados e os possíveis benefícios diretos para o sujeito da pesquisa).

##### **5a) Desconfortos e ou Riscos:**

##### **5b) Benefícios:**

#### **6. Critérios de inclusão e exclusão.**

(Aqui também, realizado em duas etapas, primeiramente esclarecer os critérios que foram utilizados para integrar os sujeitos na amostra, em seguida, os critérios que fazem com que os sujeitos não possam pertencer aquela amostra).

##### **6a) Inclusão:**

##### **6b) Exclusão:**

#### **7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.**

(Escrever sobre o direito a deixar o estudo a qualquer momento e também sobre o direito a receber esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa. Liberdade de recusar ou retirar o consentimento sem penalização).

#### **8. Ressarcimento ou indenização.**

(Formas de ressarcimento ou de indenização).

### **B) CONSENTIMENTO (do sujeito de pesquisa ou do responsável legal – neste caso anexar documento que comprove parentesco/tutela/curatela)**

(Redigido na primeira pessoa. A seguir, apenas um exemplo):

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: \_\_\_\_\_  
 RG: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
 Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura \_\_\_\_\_ pesquisador: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 (ou seu representante)

Nome completo: \_\_\_\_\_

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com \_\_\_\_\_, via e-mail: \_\_\_\_\_ ou telefone: \_\_\_\_\_.

**Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado**

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

REITORIA: Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail: [coep@utfpr.edu.br](mailto:coep@utfpr.edu.br)

**OBS:** este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao sujeito de pesquisa.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ (TCUISV)**

(No TCUISV devem constar todos os itens listados abaixo, e que se apliquem ao tipo de pesquisa que será desenvolvida, podendo aparecerem até mesmo outros itens mais (itens complementares), que visem contribuir para melhor compreensão e garantia do respeito devido à dignidade humana. O TCUISV deve ser redigido, e compreendido, de forma a preservar o sujeito de pesquisa. Se a sua pesquisa já tem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os dados referentes ao TCISV podem ser apenas acrescentados no TCLE, sem a necessidade de se realizar um outro formulário)

**Título da pesquisa:**

**Pesquisador(es), com endereços e telefones:**

**Engenheiro ou médico ou orientador ou outro profissional responsável:**

**Local de realização da pesquisa:**

**Endereço, telefone do local:**

### **A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE**

#### **9. Apresentação da pesquisa.**

(Comentar sobre o estudo, sua justificativa, de forma clara e acessível).

#### **10. Objetivos da pesquisa.**

(Esclarecer o propósito do estudo).

#### **11. Participação na pesquisa.**

(Esclarecer ao sujeito da pesquisa quais são e como se darão os procedimentos em que o mesmo participará, ou seja, a forma de participação, passos pelos quais o sujeito passará. Também, deixar claro, se houver, por exemplo a possibilidade de inclusão em grupo controle ou placebo e sobre a existência de outros métodos alternativos. Finalmente, formas de assistência no caso de problemas e responsável).

#### **12. Confidencialidade.**

(Garantia de sigilo e privacidade).

#### **13. Desconfortos, Riscos e Benefícios.**

(Realizado em duas etapas, a primeira visa clarificar os desconfortos e ou riscos pelos quais o sujeito de pesquisa passará ou poderá passar; a segunda visa clarificar os benefícios esperados e os possíveis benefícios diretos para o sujeito da pesquisa).

##### **5a) Desconfortos e ou Riscos:**

##### **5b) Benefícios:**

#### **14. Critérios de inclusão e exclusão.**

(Aqui também, realizado em duas etapas, primeiramente esclarecer os critérios que foram utilizados para integrar os sujeitos na amostra, em seguida, os critérios que fazem com que os sujeitos não possam pertencer aquela amostra).

##### **6a) Inclusão:**

##### **6b) Exclusão:**

#### **15. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.**

(Escrever sobre o direito a deixar o estudo a qualquer momento e também sobre o direito a receber esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa. Liberdade de recusar ou retirar o consentimento sem penalização).

#### **16. Ressarcimento ou indenização.**

(Formas de ressarcimento ou de indenização).

**B) CONSENTIMENTO (do sujeito de pesquisa ou do responsável legal – neste caso anexar documento que comprove parentesco/tutela/curatela)**

(Redigido na primeira pessoa. A seguir, apenas um exemplo):

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação (direta ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento obtenham fotografia, filmagem ou gravação de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/ educacional.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome completo: \_\_\_\_\_  
 RG: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
 Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 (ou seu representante)

Nome completo: \_\_\_\_\_

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com \_\_\_\_\_, via e-mail: \_\_\_\_\_ ou telefone: \_\_\_\_\_.

**Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado**

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

REITORIA: Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail: [coep@utfpr.edu.br](mailto:coep@utfpr.edu.br)

**OBS:** este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao sujeito de pesquisa.

**Quadro 03: Questionário sobre boas práticas de manejo e bem estar em equinos utilizados na equoterapia.**

Data:	Hora:
Nome do estabelecimento:	
Endereço completo:	
Contato:	( ) Email:
Nome do entrevistado/ profissão:	
Demais profissionais envolvidos: (nome/função)	
<b>ANAMNESE</b>	
Numero de animais:	
Sexo:	
Raça:	
Idade:	
Histórico:	
(aquisição, doma, utilização anterior)	
<b>MANEJO GERAL</b>	
<b>Nutricional</b>	
Quem é o responsável pela alimentação?	
Qual a dieta do animal? (concentrado, volumoso)	
Frequência de alimentação/quantidade:	
<b>Sanitário</b>	
Quem é o responsável?	
Acompanhamento veterinário	( ) Sempre/ Frequente. ( ) Às vezes. ( ) Quando necessário. ( ) Ausente.
Programa de vacinação?	( ) Sim. ( ) Não. Qual? _____.
Vermifugação:	( ) Sim. ( ) Não. Especifique: _____.
Em caso de emergência:	
Algum animal já teve doença ou lesão? O que aconteceu?	
Observações:	
<b>Treinamento</b>	
Foi feito algum treinamento para a equoterapia?	( ) Sim. ( ) Não. Qual?

<p>Qual o condicionamento do animal?    <input type="checkbox"/> Bom.   <input type="checkbox"/> Regular.   <input type="checkbox"/> Ruim.</p> <p>Quantas horas por dia é usado:</p> <p>Utilização em outras atividades:</p> <p>Descreva pré sessão</p> <p>Descreva pós sessão</p>		
<b>Mantença</b>		
Local onde permanece:		
Quantas horas/período ficam:	Na baia:	No piquete:
	<input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não.	
Tem piquete para descanso?	Descreva o local:	
Casqueamento/ ferrageamento?	<input type="checkbox"/> Casqueamento <input type="checkbox"/> Ferrageamento Frequência:	<input type="checkbox"/> Não: Porque?
Observações:		
<b>Instalações</b>		
Tipo da baia		
(material, fechada, vazada, parcial)		
Local das sessões de equoterapia		
Outros:		
<b>OBSERVAÇÕES:</b>		

## **Pesquisa de opinião sobreo bem estar dos equinos utilizados na equoterapia**

---

Data da entrevista:

Nome da propriedade/cidade:

Nome do entrevistado:

Profissão/função:

Na sua opinião, os cavalos neste centro de equoterapia esta em bem estar?

O que é bem estar para você? Explique.

---